

Real Academia de Amadores de Música



Bravo!

Teve lugar nos dias 28 e 30 do mez findo os dois concertos, os antes as duas audições do 22.º concerto promovido por esta benemerita associação de bons e distinctos amadores de musica, com o seguinte programma:

- 1.ª PARTE
- Preludio, choral e fuga Bach-Abert
 - Minute da Symphonia em mi bemol Mozart
 - Concerto de violino com acompanhamento de orchestra (executado pelo sr Henrique Savvinet) B. Godard
- 2.ª PARTE
- Symphonia, op. 36. Ré maior Beethouwe
- 3.ª PARTE
- Danças húngaras Brahms
 - Andante Tschaiakowsky
 - Valsa da boneca da Copelia Delibes
 - Entr'acto e dança das Bachantes Gounod

Este acto foi brilhantemente executado pelos sympathicos e estudiosos rapazes, que compõem a orchestra da Academia, uma das primeiras, senão a primeira d'este genero na Europa.

Um — bravo! sinceramente entusiastico, da Comedia Portugueza, que está sempre na brecha em todos os assumptos de arte, seja qual for o genero e a fórma por que ella se manifesta.



Cos que belleza d'homem





Can-oan parlamentar

Havia proximamente quatro annos que eu não cruzava os humbraes da camara popular. Ora como n'esse tempo eu ouvia os nossos delegados da bancada publica, não sei se por esta razão, conservava ainda essa enganadôra illuzão, de que o povinho se deixa possuir perante as comedias do grande mundo.

Desde, porém, que o meu engenho me outorgou a faculdade de presenciar os debates, da tribuna dos jornalistas, (o que é o talento!) esta gaze da illusão desaparece, e perdôem-me os senhores do mandato, que me pordôe a patria dos Albuquerque e dos que — arrancam meia espada —, aquillo não é uma camara, aquillo não são os defensores das regalias populares, aquillo não é um parlamento: é uma troça, uma patuscada ridicula, uma vergonha!

A's vezes supponho-me estrangeiro, chegado recentemente a Lisboa, e ponho-me a passeiar, ao acaso, por toda a parte, por todos os bairros, como se tudo fosse para mim desconhecido, como se tivesse desembarcado no momento, no caes das columnas.

Assim, intimamente metamorphoseado, tornando alheio o olhar, consigo encontrar notas originaes do nosso viver, costumes que passam desapercibidos, pontos de vista soberbos, aspectos de Lisboa verdadeiramente curiosos, originaes, inolvidaveis.

Com tal animo entrei no parlamento portuguez n'um dos dias d'esta semana. Imaginei desconhecer os homens e as questões e puz-me a ver que idéa, eu, estrangeiro, faria da representação nacional portugueza se tivesse desembarcado no caes das columnas, pela manhã.

Pois, meus caros senhores, a idéa que eu encontrei na minha carteira de «touriste» da propria terra, é esta: «Não tem razão, nem direito de existir politicamente, com fóros de nação livre, um povo que tem á testa dos seus negocios um parlamento de tal ordem.»

Era esta a idéa que eu, estrangeiro, teria ido levar, á minha nação; é esta a idéa que eu, portuguez, tenho a franqueza de expôr na minha propria terra.



Porque? Porque nas sessões parlamentares não se encontra um vestigio de seriedade; porque ninguem alli tem a consciencia da posição que occupa; porque os deputados fazem das questões graves o trampolim dos ditos grosseiros, da chalaça, da leria; porque no espirito d'aquelles homens não ha convicções de especie alguma, nem idéas politicas ou generosas, nem fins uteis, nem aspirações nobres, nem commedimento, nem respeito pelas tradições gloriosas do seu paiz; nem aspirações d'um futuro digno; nem attenções pelo estado grave em que estamos; porque a maioria dos representantes não teem intelligencia, nem illustração á altura do logar que occupam, e na falta d'estes requisitos não possuem o bom senso ou, ao menos, a dignidade que torna respeitaval a opinião e que valorisa o voto.

E' vêr como se portam, como e porque discutem. E' ver como ridiculizam os assumptos mais serios, pela falta de urbanidade e por aquella continencia natural propria de todos os homens que prezam acima de todas as questões o seu bom nome e o respeito pelo seu character.

Os ares que se dão são ridiculos por balôfos; a phrase aitisona, paspalhona e commum; o gesto exagerado por falso, mal estudado, inverosimil. As suas iras lembram as momices das mimicas, as suas caricias os beijos desleaes de Judas. Detestaveis actores, porque lhes falta a impressão verdadeira, comediantes vulgares porque nem sabem os papeis que recitam.

Como homens dirigem-se as maiores offensas, como deputados esquecem-n'as nos corredores, para confraternizar no regabofe commum d'uma representação pôdre.

A combinação secreta substitue a justiça, a legalidade e o bem: aniquila iras, acalma odios, amansa pretensões, sustem ridiculos e quedas vergonhosas, desbraveja os caminhos, consola pretensões, arranca promessas, e satisfaz caprichos!

A idéa da patria desaparece n'este oceano de mesquinhas e ficam apenas de pé: o amor proprio que degladia a justiça e o egoismo que combate o egoismo.

A vista das sessões e a leitura das actas, provam-nos que estas conclusões são justas perante a inneficacia das pugnas a pueril pujança dos debates e a verdade crúamente ridicula e lamentavel das votações das leis.



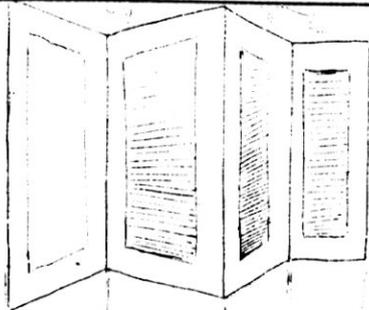
E não cahi eu no artigo de fundo? Não faz mal.

E' preciso que a *Comedia* se dê tambem os seus ares de pessoa grave; um bocadinho de ar magistral não fica mal a ninguem.

Uma ultima nota: Diz-se que a Hespanha e Portugal são os paizes dos oradores, por excellencia.

Que entre nós a palavra brota garrida e florida como moçoila de campo em dia de romaria.

N'aquella misera sessão, eu, estrangeiro, só poderia rir-me d'essa apregoada facundia, porque os discursos dos oradores estiveram á altura das suas convicções.



Mas eu não sou dos que ligam um apreço exagerado á verborrea: adoro ouvir fallar bem, bem e pouco.

Ora os oradores d'esse dia fallavam todos pouco e mal.

Ouvi um professor da Universidade dizer, n'um periodo, tres asneiras grammaticas. No atabalhoado parvoez do discurso, calculo que se podiam contar por centenas.

Um professor! da Universidade! Um arrimo do paiz! um pae da patria, que está abaixo d'um primeiranista do lyceu. E tem de se ouvir e tem o arrojo de fallar e ha quem o escute! Pobres tachigraphos!

Perdido pois até este ultimo refugio de agrado, eu tive de abandonar a galeria onde jornalistas tomavam notas, depois de ter chorado as mais quentes lagrimas sobre as desgraças futuras da minha patria!

Porque decididamente depois d'uma sessão de tal ordem tem-se obsigação de confessar que os Pávias serão uns flagellos mas podem ser como estes, muitas vezes, uma providencia.

Se houvesse por ahi um Pavia dispçnível!...



A' ultima hora aparece o Pavia: é nem mais nem menos do que o governo! Sua excellencia acorda na sua cadeira ministerial, ao barulho das discussões, aos sôccos convicentes da minoria, ás prágas baixas d'uma maioria ranhosa, aos gritos das damas na galerias e dirige-se ao paço.

El-rei, em chinellas, é surprehendido pelo seu ministerio esgrouviado, que lhe pede conselho.

—Real Senhor, aquillo está uma pandega desenfreada. Não magina. Por um pouco que não andam a cavallo nos ministros. Nunca se desacatou assim a farda abolotada dos governantes! Justiça real Senhor! Justiça!

—E el-rei, muito massado, a morder a ponta do breva: —mas porque é tudo isso, meus senhores?

—O presidente, fulo, deitando predigotos: —porque? porque são uma sucia de mal-creados, faltos de chá, sem educação!

—Mas, replica el-rei, não fez o senhor ainda este anno uma reforma da instrucção?

—De certo, real Senhor.

—E em que anno poz a cadeira do chá?

—Esqueceu-me, real Senhor!

—Esqueceu-se! como se esqueceram os seus antecessores e sou eu quem paga as favas! Nem posso saborear o café. Mas que querem, afinal?

—Meu senhor, aventa Marianno todo lampeiro, pôr aquelles amigos no olho da rua, temporariamente.

—Mas quando voltarem?

—Já teremos tido tempo de consolidar o throno da V. M.; põmol-os então de uma vez!

José Luciano olhou para o collega com olhos de quem pensa: —Boa idéa seu Soares! — El rei assignou o decreto de addiamento, os ministros sahiram jubilosos e o paiz tremeu com a idéa de que o governo vae ficar novamente á solta.

De modo que, por uns mezes, a patuscada parlamentar está prohibida; a rapaziada tem de ir gritar para os jornaes e para a Havaneza e o paiz (é a unica coisa util d'esta medida) deixa de pagar uns cobres muito rasoaveis para um espectáculo tão pouco moral.

O governo transformado em Pavia, renega os seus filhos a sua maioria, os meninos inquietos da minoria e passa a vas-soura da sua cobardia pelas bancadas da camara.

Bem feito. E fica a gente a perguntar: —mas a final parece que ainda é preciso outro.

—Outro quê?

—Outro general.

—Para que?

—Para varrer o resto!

Que paiz, que parlamento, que dentistas!



Boulangier.

A França acaba de eleger o general Boulanger em opposição a Jaques.

Citenta mil votos de maioria! Ponham aqui os olhos os generaes portuguezes e vejam como uma espada se pôde transformar n'um sceptro e um cavallo preto n'um throno de purpura.

Vão em breve fazer-se as novas eleições entre nós e francamente estamos a precisar d'um homem d'este quilate.

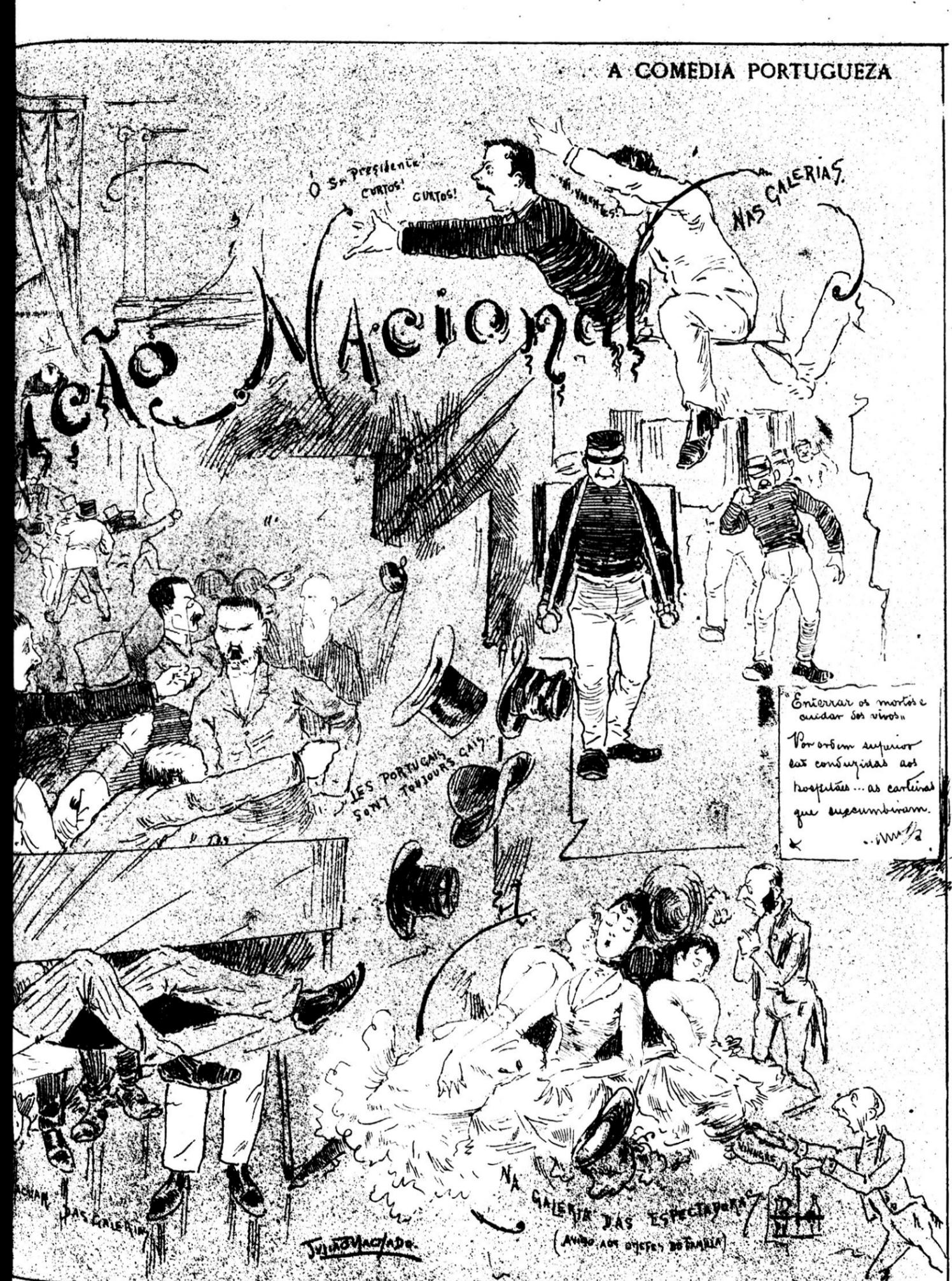
Não se diga que a opinião dos francezes é variavel, como as mulheres para Francisco I, e que entre nós um general por mais ousado e mais pintado de que fosse não conseguiria nunca alcançar a popularidade do louro general francez. E' um engano: não ha ninguem em Lisboa que não gostasse do *General Boum*, da *Grân Duqueza*, e nós no genero temos uma collecção que envergonha a Europa!

Quando entra a *Mascotte* n'uma colectividade é não a deixar fugir: que depois na pesca, quanto mais rôlo mais peixe.

Afinal parece que, na França, a grande preocupação é o cavallo, desde que Napoleão possuiu o cavallo branco.

Agora aparece Boulanger no seu cavallo preto. Entre nós ha qualquer coisa de semelhante: — Fontes tinha um cavallo branco e foi dictador: —Se ha por algum dono de cavallo preto que appareça! Isto é uma questão de estatistica e a estatistica é um dogma.

O dono do cavallo preto onde estás tu?





A adjudicação de S. Carlos.

Appareceu no *Diario do Governo* o programma para a adjudicação da empreza d'este theatro.

Ninguem ignora a maneira verdadeiramente censuravel porque o sr. Campos Valdez tem regido as coisas d'este theatro. A epocha que finda é uma serie não interrompida de abusos, de prepotencias, de desconsiderações pelos assignantes e pelo publico. Uma troça perfeita da empreza, com consentimento tacito do governo: — uma troça que é uma exploração e que é uma vergonha.

Amanhã este senhor ou outro qualquer fica novamente empregario, as scenas repetem-se, os protestos succedem-se, mas ninguem faz caso, nem mesmo quem lhe importe o fazer.

O remedio pois não é clamar contra os empregarios protegidos e senhores absolutos da situação, o remedio é clamar contra o contracto, que não tem razão de ser, que é anachronico, tolo, escandaloso.

Porque se hade adjudicar S. Carlos pela forma velha do programma? Que tem o governo de Portugal com as arias italianas, ou com os boleros hespanhoes?

Que demonio lhe importa a elle, que se cante ou não, que haja boas ou más cantoras, que se ouça Donizetti ou que se escute Boito?

Periga n'isso a independencia nacional? a autonomia resente-se? baixa de preço o feijão carrapato? Se elle — governo — não faz caso das questões graves e serias, como vem ainda perder o resto do tempo util com futilidades d'este jaez?

E' para nos divertir? Gracioso governo que depois de nos explorar a serio e por todos os modos, quer ainda adormecer-nos com cantigas!

Mas nós dispensamos tanta bondade e pedimos apenas uma pouca d'atención para umas ligeiras considerações.

Não assiste, por nenhum principio admissivel, o direito de subsidiar com 25 contos de réis uma empreza particular de companhia estrangeira. E' um velho abuso a que é preciso obstar quando mais não seja pela moralidade.

Desde o momento em que este abuso desapareça, o governo não tem porque se intrometter com questões de S. Carlos e é este o seu verdadeiro lugar.

E' do governo o theatro? Muito bem. Alugue-o a quem o quizer explorar, ou empreste-o se quer, e deixe que o explorem com a absoluta liberdade que uma empreza d'este genero necessita.

Esta é a solução unica. O governo não tem nada com preços, nem com operas, nem com cantores, nem tem que dar dinheiro escandalosamente, porque esse dinheiro nem vem subsidiar uma necessidade, nem proteger a arte nacional, nem reverter n'um beneficio publico que lhe justifique a applicação.

O defeito é pois do contracto. Paris não subsidia a opera italiana, e podia e tinha ainda razão de a subsidiar, como elemento para a conservação e chamamento de forasteiros. Mas não subsidia, e nós, o paiz dos governos pelintras, deixamos o theatro nacional á mercê de qualquer fiscal de opera comica e damos ares de imperadores da Russia a dar dinheiro ao theatro lyrico, frequentado exclusivamente por quinhentas familias portuguezas, o maximo.

E' ou não tolo, é ou não escandaloso?

Não haverá theatro? Descancem. Os assignantes não deixarão as suas assignaturas se o governo deixar de dar os 25 contos, e quem frequenta S. Carlos creio que não é para ouvir o sr. Valdez ou o sr. Brito. Encarece? Naturalmente. Mas todos sabem que S. Carlos não é um theatro popular; é um theatro da côrte, onde se vae por moda, por mostrar toilettes, por comprovar riqueza, fino gosto, existencia luxuosa, por figurar, emfim, no mundo elevado, que veste da Aline, quando não recorre a Paris, que usa um *dom* atraz do nome, o que n'alguns (seja dito de passagem) parece um epigramma, pela semelhança com uma canastra em pé. D...

Pelo facto de encarecer, a côrte não deixará o seu lugar: o nosso grande mundo não deixará a côrte, e todas as vaidades burguezas, todas as pretensões balofas não deixarão de seguir o grande mundo.

S. Carlos tornar-se-ha mais distincto ainda por mais caro, sendo mais barato ao paiz, que não tem obrigação de divertir os que não teem dinheiro, quanto mais aquelles que o podem dispendir, á larga, em superfluidades e gozos.

Ao governo pois compete: mandar revogar o programma e alugar o theatro a quem o quizer e maior renda dê. Deixar os empregarios á vontade; o publico lhe ensinará como se vestem peças, como se arranjam scenarios e cantoras e como se troça difficilmente com elle quando a algebeira padece.

Eis o nosso modo de ver, e parece-nos que ninguem discordará em que é este o verdadeiro modo de proceder com o Real Theatro de S. Carlos.

O governo não tem nada que ver com operas e bailados: metta-se com o que lhe compete que já não é pouco.



A políola

Continuam as diligencias para descobrir o auctor do roubo na recebedoria da receita eventual! Por ora não se sabe quem foi, mas é natural que venha a saber-se, attendendo a que em Lisboa ha uma corporação policial que tem por fim descobrir onde moram as cosinheiras mais gentis e as amas de leite mais appetitosas.

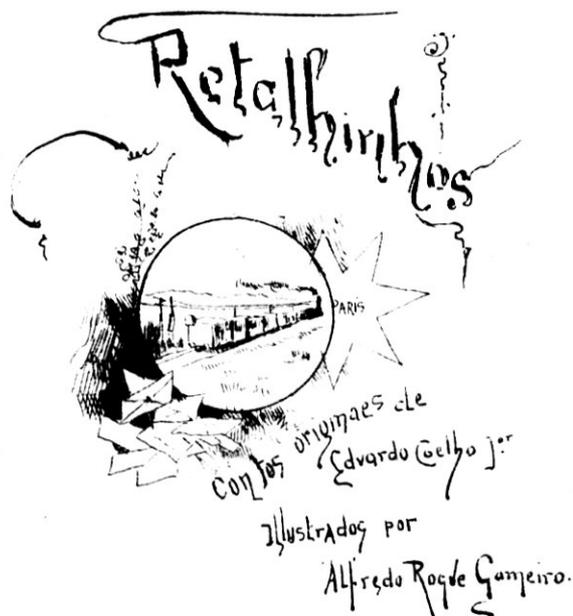
Mas sabe-se já bastante. Os peritos declararam que o arrombamento foi feito por mão d'artista, e tendo sido encontrados juntos ao lugar do crime um cutello e um cabo de madeira conclue-se que o auctor é um cosinheiro. O cutello é o instrumento para partir as costelletas, o cabo de madeira está-se a ver servia para bater os biffes!

Com estas indicações não será difficil descobrir o criminoso.

Artes e Letras

Gottas de Chypre.—E' o titulo d'uma pequena bibliotheca de contos, traduzidos de Catulle Mendes, Bainville, Maupassant e ainda outros distinctos escriptores francezes, d'essa brilhante pleiade de contistas, que tem agitado os nervos de uma geração, sequiosa de impressões finamente picantes, envoltas no lavôr impeccavel da fôrma.

Recebemos a offerta dos dois primeiros folhetos e agradecemos a amavel visita.



Como esta semana litteraria parece ser consagrada aos contos, apparece-nos o volume — *Retalhinhos* — de Eduardo Coelho Junior.

Prefaciando o volume, diz Julio Cezar Machado.

«Ha no seu livro, escripto com o desembaraço risonho da mocidade uma collecção de typos zombeteiros, copiados do vivo, surpreendidos em flagrante, verdadeiros, e, o que nem sepre succede ao que fôr verdadeiro! verosimeis, sem preferencias marcadas por uma ou outra das manias da moda, nunca v. se affasta do que diga respeito a coisas portuguezas, nem procura provocar a vista por ambiciosos relevos, a principiar pelo titulo, que, não pôde haver-o mais modesto...

«Ligeiros no fundo e na fôrma, sem pretensões a ensino, — tanto mais que é condição do genero dispensar conclusões ou dissimulal-as, os contos que constituem o seu livro não só se leem com desenfado, mas põem de bom humor o leitor...»

Tendo esta recommendação, a nossa é por superflua inutil. Felicitamos o auctôr e agradecemos a sua delicada distincção.



Sexteto Quilez

Aos amadores da boa musica lembramos que é no proximo domingo 3 do corrente, á uma hora e meia da tarde a 1.ª *matinée* musical do sexteto Quilez, dirigido pelo sr. Theodoro Quilez.

Os creditos do professor do Real Conservatorio de Madrid garantem a excellencia do concerto, que recommendamos aos nossos leitores.



PRINCIPE REAL.— Em beneficio da actriz Maria das Dôres deu-se n'este theatro a *première* da peça original — *A culpa dos paes* — na qual o seu auctor, Joaquim Miranda, revelou boas qualidades de dramaturgo. Não podemos fazer hoje aqui uma apreciação desenvolvida da peça, mas o que dizemos já é que ella tem excellentes condições para se conservar em scena, a par de alguns defeitos, aliaz naturaes n'um debutante, ainda que este seja um moço de talento como Joaquim Miranda, de quem muito ha a esperar na litteratura dramatica.

A beneficiada Maria das Dôres foi muito obsequiada pelos seus admiradores; e bem mereceu essa manifestação, porque é uma actriz muito correcta.

AVENIDA.— Na proxima segunda feira temos a festa artistica de Van-Daclen, com a opereta *Madame Boniface*. Deve ser uma noite cheia, porque esta gentil cantora tem sabido conquistar muitas sympathias.

RUA DOS CONDES.— Uma novidade n'este theatro foi o debute de Rogelia Cardô, ou antes a sua reaparição ao publico de Lisboa, que já a conhece de quando ella cantou nos *Recreios*, onde foi sempre festejada, não o sendo agora menos.

Já está em ensaios a *Revista*, de Sousa Bastos, que promette grandes noites d'enthusiasmo.

TRINDADE.— Annuncia-se para breve a festa artistica de Lucinda do Carmo, a apreciavel cantora tão querida hoje dos frequentadores d'aquelle theatro. A peça escolhida é a *Petite Marquise*, dos conhecidos compositores Henry Meilac e Ludovic Halevy, arranjada em opereta pelo nosso amigo Machado Correia, tão distincto n'este genero de trabalhos. A musica é do maestro portuguez Freitas Gazul.

D. MARIA.— O *Rogério Laroque* tem sido uma verdadeira mina para a empresa, que se felicita pela escoiha do genero.

Na proxima semana representar-se-ha a *Margarida*, de D. Thomaz d'Almeida!

GYMNASIO.— Realizou-se a festa artistica de Beatriz Rente com a *première* da *Jucunda*, comedia original de Abel Accacio. A protagonista, Beatriz, foi muito applaudida e recebeu particulares demonstrações d'estima e admiração, por parte do publico especial que nunca falta a tão sympathicas festas.

COLYSEU.— Lá vae andando com os seus variadissimos espectaculos. Successivas enchentes. Os *Liliputianos* e os *Martinettis* continuam a chamar a concorrência.



A COMEDIA e ANASTACIO



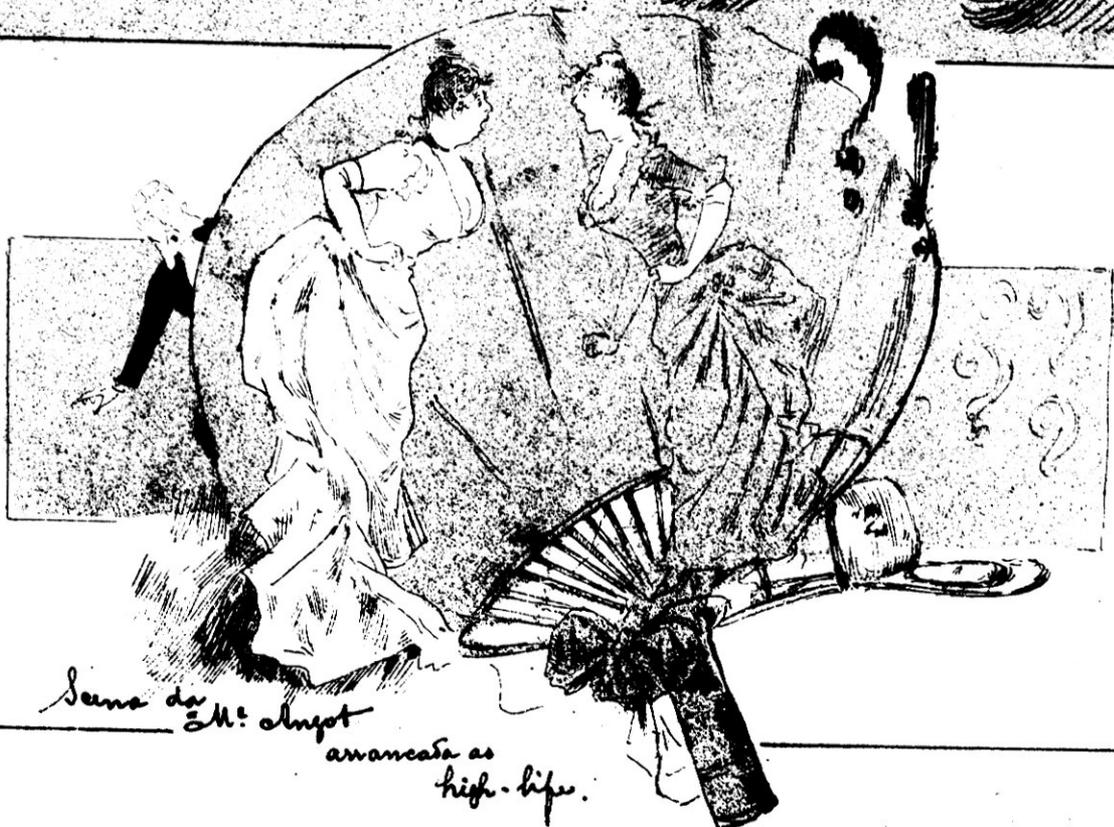
—Mais me enleva esse teu graciosissimo andar,
 Que uma nuvem no ceo, que uma onda no mar!
 E em que estrella do ceo me ha de nunca raiar
 A benefica luz d'esse candido olhar!?

Oh! se a morte uma vez essa luz me apagar,
 Noite eterna, sem fim ha de a alma innublar!

—Ora, sr. Anastacio! Tantas vezes que lhe tenho dito, que
 eu não apprendi francez! Eu, se o sr. quer casar commigo,
 porque me não pede á minha mãe?

JOÃO DE DEUS

JOÃO MACHADO



*Sena da M. Anjos
 avancada as
 high-life.*





Não sei, nem quero saber se o adiamento das camaras produziu uma grande convulsão no paiz.

Calculo que sim. Sobretudo nos representantes : uma convulsão d'agonia, de desapontamento, de pasmo !

Realmente : vem o bello do deputado de papo feito para quatro mezes de regabofe, viagem paga, cuidados nenhuns, cem mil réis por mez para os alfinetes, aloja-se, deita conquista e no melhor da festa : queira V. ter a bondade de se pôr ao fresco, porque não é cá preciso.

Para isto é que trabalhou dois mezes a fio, pedindo, instando, baixando-se, ameaçando, prometendo, já expectorando ameaças, já, de mão no arcabouço, com a voz cava das grandes convicções protestando o derramo do seu talento, do seu poder, do seu sangue pela causa sagrada da patria !

E agora que elle colhia o premio dos seus trabalhos, na ilha mysteriosa do «Pelicano» ou dos «Irmãos Unidos», agora que elle tinha recebido a primeira carta da visinha viuva de um major, ou costureira da Aline, agora emfim, que elle ia poder contar á viuva do soldado as glorias das pugnas parlamentares e deslumbrar a costureira com a «tournure» gigante do seu talento, agora, esse governo despotico, manda-o para casa, atira-o novamente para os braços do cirurgião e do boticario da aldeia como um trapo velho e inutil.

Que funda magua pungirá seu coração, dizei-o vós, vós todos que tendes soffrido, no mundo, o desmoronar dos castellos de Hespanha !

Dignos de dó : — todos os deputados são homens, e que homens !

como se diz na Angot.

Mas para quem foi verdadeiramente fatal a resolução do governo foi para nós. Se não tivesses tanta confiança na nossa estrella, diriamos que o governo tinha vibrado á «Comedia Portugueza» um golpe mortal.

Porque nós temos assumptos, é certo : temos a Avenida, o Martinho, as Corridas, os Theatros da Opera ao Colyseu; mas, por Deus, o grande assumpto, palpitante, renascendo cada dia das proprias cinzas, que entretém a capital e accorda a provincia é o Parlamento.

Porque o Parlamento portuguez é a synthese de toda a nossa vida social, costumes, politica, tendencias, modos de ser, de pensar. Vê-se alli a vida da familia, na sua união, no seu bello exemplo de moral : — o governo ! Veem-se os estroinas, amigos da frescata, bulhentos : — a minoria ! Encontra-se a burguezia, com ares de pessoa séria : — a maioria !

Alli ha touradas, cavalinhos, salsifrés, tragedias, pic-nics de phrazes escovadas, laracha, namôros, toques na guitarra do sentimento, descantes fóra de horas sob as janellas da pasta, ou com o cheiro na posta, ou á desfilada na pista !

Alli está a nobreza.

Alli está o clero.

Alli está o povo.

Nobreza de toda a casta. Desde a que descende de Fuas Roupinho até á que descende de qualquer forroupilha. Porque é de ver como qualquer bandalho em chegando a ministro, é logo o meu illustre amigo, o *nobre* ministro Gregorio da Costa !

Não falta ainda a nobreza. Especie curiosa de estudo. Muito ar, muitas luvas, muito collarinho, adamada, assim a despertar e pst pst, ó menino olha que te cahiu o lenço ! — a tomar posições, a rebolar-se, a derreter-se para a galeria e a com-pôr o cabelo !

Depois vem o clero. Um clero patusco, espevitado, que vai a S. Carlos e fica para o «divertissement», de binoculo fixo; que acredita tanto n'aquillo tudo como nas missas que diz e nos peccados que comette. Um D. Nicomedes que se desdobrou e que fugiu á ama ; que usa ligas d'onde se pode vir a concluir que usará navalha !

Depois o povo : os outros, umas coisas que se sentam em fila, sorumbaticos, poucas palavras, pedem agua, lêem apontamentos e tornam a pedir agua !

A's vezes rosnam em commun, coçam a cabeça, sussurram, hum ! hum ! hum ! — é a opinião ! Prudencia.

Estas tres individualidades teem as suas paixões, os seus odios, ciumes, intrigas. Bisbilhotciam, fingem, mordem-se, sorrindo.

Vê-las, alli, a trabalhar, conhecendo-lhe os cordelinhos, é ver a sociedade portugueza, na sua decadencia, na sua corrupção, lenta, despiedosa, entristecedora.

Ora, foi esta fonte perenne de critica que o governo nos roubou despoticamente e que só voltará para abril. A convulsão foi para nós.

Elles voltarão com as flôres e, até lá, nós iremos caminhando entre os espinhos d'uma calmaria mortal.

Até á volta, amigos.



Socialistas

Vae fundar-se uma sociedade socialista em S. Thiago de Cacem ! Ha quem duvide do progresso das idéas radicaes em Portugal ! O desmentido não póde ser mais formal. Emquanto Lisboa pensa fundar uma associação catholica, S. Thiago do Cacem vai fundar um gremio socialista !

Esta noticia produziu, como era natural, em todos os grupos politicos extraordinaria surpresa, sobretudo com o parlamento periclitante, o governo asmathico, a legislatura a findar, as eleições á porta.

Não se sabe ainda quem inaugurará a associação, se Oliveira Martins dos tabacos, se o Oliveira das magicas ! Em todo o caso é natural que o governo tenha na proxima epoca um deputado opposicionista a mais, de côr vermelha. Ora nós já sabemos os transes porque o tem feito passar a opposição republicana ! Imagine-se agora com o auxilio d'um socialista do Cacem ! E' serio.



Dona Branca

A *Comedia Portuguesa* folga immenso em poder registrar hoje nas suas paginas um acontecimento duplamente notavel, — pela sua natureza e pela sua origem —, a *reprise* da opera *Dona Branca*, original de Alfredo Keil. E dizemos «duplamente notavel» porque a *Dona Branca* além de ser sempre um acontecimento lyrico importante é tambem um acontecimento nacional, visto que o seu auctor, o maestro Keil, é portuguez legitimo pelo codigo civil, pelo coração e pela amizade que consagra a este paiz, embora tenha no seu appellido... um nome estrangeiro.

Foi na anterior epoca lyrica, quando a *Comedia Portuguesa* ainda nem sequer pensava em deliciar os seus leitores com a sua bella critica humoristica... (modestia á parte), que se representou pela primeira vez, em S. Carlos, a opera a que nos referimos; representação que era esperada com grande anciedade pelo publico de Lisboa, pois que tinha disper tado um interesse verdadeiramente excepcional e por mais de um titulo justificado. Ao facto, já de si o bastante para impressionar a opinião, de ser a opera escripta por um portuguez, acrescentava-se a circumstancia, devéras sympathica, de ser o proprio poema baseado n'uma das mais formosas lendas das velhas glorias nacionaes.

E a verdade é que n'essa occasião, satisfeita a anciedade publica, tivemos todos ensejo de poder affirmar, com irriteira e legitima satisfação, a que não era extranho um certo sentimento de orgulho nacional, que a primeira representação da *Dona Branca* não sómente satisfez, mas ainda excedeu a expectativa publica. Foi inquestionavelmente um dos triumphos mais calorosos, mais completos e mais entusiasticos, que de ha muitos annos presenciara o theatro lyrico portuguez.

Agora fez-se a *reprise* d'esse notavel trabalho artistico, e os seus primores, a sua sublime inspiração valeram á opera e ao seu auctor mais uma d'aquellas glorificações que só logram obter os grandes genios.

Não é nosso intuito fazer uma apreciação desenvolvida da opera do sr. Keil. Faltam-nos, para tal commettimento, a competencia e... o espaço. Deixemos esse trabalho aos *criticos officiaes*. A nós cumpre-nos apenas, n'uma analyse rapida e synthetica, registrar aqui o effeito que a sua audição nos produziu.

O sr. Alfredo Keil, a nosso ver, segue na *Dona Branca* a estrutura «Wagneriana», que é a musica da actualidade. Mas se n'ella os fortes concertantes, o frequente uso dos metaes, e outros effeitos de extraordinaria grandeza, que são a especialidade da escola allemã, se encontram em profusão, a melodia não é comtudo sacrificada, e de momento a momento ella transparece suave, melancolica, expressiva, n'um encanto cheio de perfumes. Assim, por exemplo, no poetico e delicioso quadro que serve de prologo á *Dona Branca*, o duetto entre *Aben* e *Adaour* é uma pagina encantadora. O extasi de um e a energia do outro, encontrados pelos córos celestiaes, e das *houris* e pela tentação da fada *Alina*, são expressados por uma musica verdadeiramente phantastica e melodiosa. A grande aria de *D. Branca*, a serenata de *Aben* e o grande duetto de amor na scena do convento de Holgas, no 2.º acto, são a obra prima do *spartito* e tem direito a figurar ao lado dos mais bellos trechos que no genero se tem escripto.

E então não iamos caindo, insensivelmente, na apreciação minuciosa da opera ?!

Que os nossos leitores nos perdõem o arrojo, levando-o á conta da nossa profunda admiração pelo genial trabalho do maestro portuguez.

Quanto ao desempenho, confiado n'esta epoca a novos interpretes a—sr.ª Tetrizzini e os srs. Brogi e Battistini— não foi elle de um conjuneto tão perfeito e tão harmonico como no anno passado. Exceptuando a distincta prima-donna, cujo talento artistico soube vencer as difficuldades do papel e as do confronto, os dois outros artistas não corresponderam devidamente ao que se esperava d'elles, porque não souberam revelar com bastante alma todas as sublimes bellezas da genial composição.

Terminando, a «Comedia Portuguesa» felicita cordeai e entusiasticamente o sr. Alfredo Keil, registando o seu nome como uma das mais puras e das mais brilhantes glorias de Portugal.



Um discurso recolhido

Foram addiadas (com sua licença) as côrtes, e lá ficou o sr. Julio de Vilhena com o seu discurso, ácerca da falla do throno, represado no estomago n'uma fermentação aziumoda e flatulenta de tropos avariados e de indignações com ranço.

Este caso pathologico sobressalta-nos e compunge-nos. Este digestão de um discurso durante o largo periodo de dois mezes, apesar do sr. Julio de Vilhena ter um robusto estomago academico, não pode deixar de produzir estragos profundos em toda a economia do illustre parlamentar e leval-o talvez á dispendiosa necessidade de ir no proximo verão tomar as aguas de Vichy.

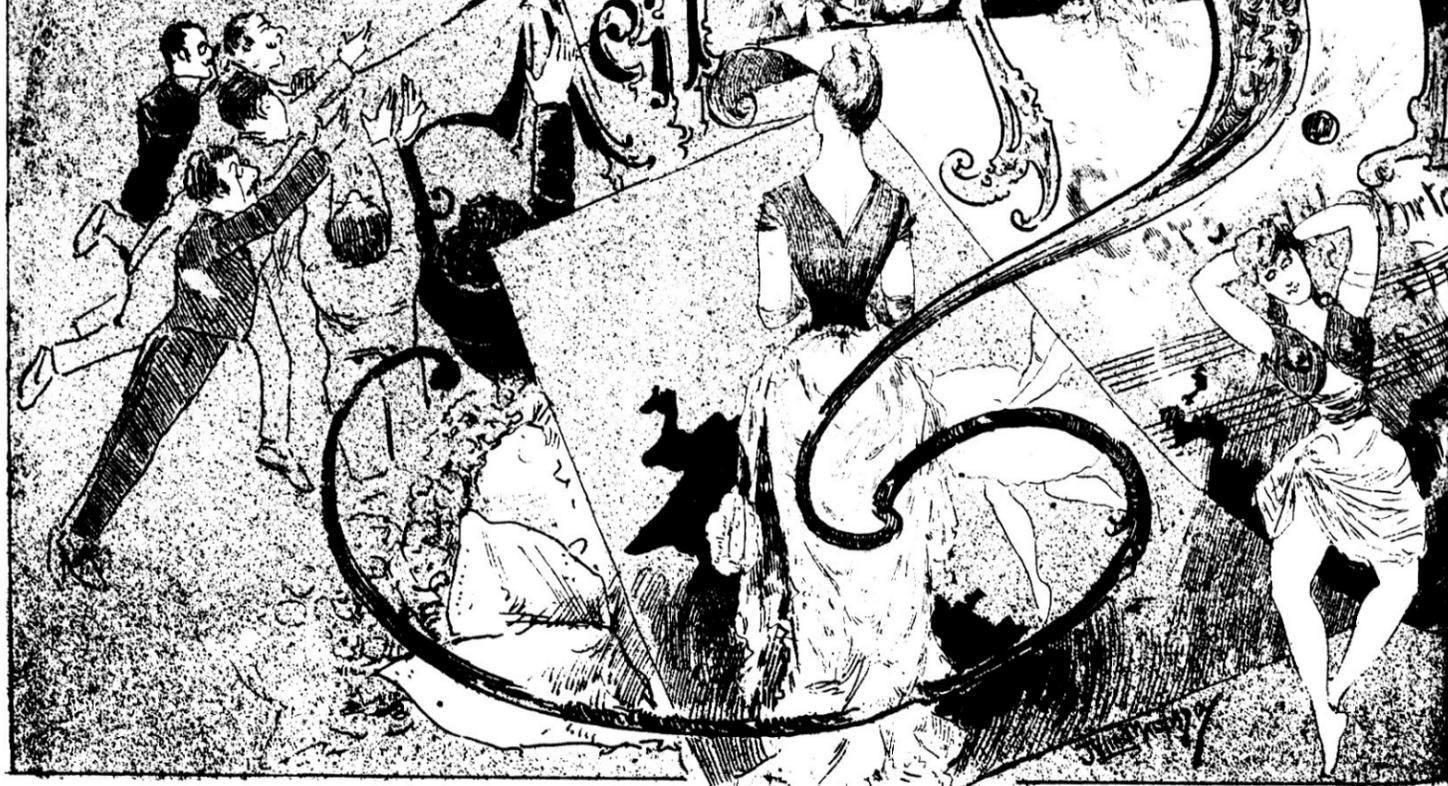
O interesse por isso que temos pelo glorioso ex-ministro da marinha leva-nos a aconselhar-lhe um tratamento energico, que o liberte desde já do discurso represado e lhe resta-beleça as funções digestivas compromettidas. Primeiro que tudo deverá s. ex.ª fazer o sacrificio de ler duas vezes a parte já proferida do seu discurso. Mordedura de rhetorica cura-se com o pello da mesma rhetorica.

Se ainda com este tratamento se não vir livre da parte inédita do seu discurso, o sr. Julio de Vilhena, para não ser um martyr durante o resto dos seus dias, deverá tomar a resolução de suicidar-se, lendo com attenção os discursos do sr. Moraes Carvalho, e nós desde já lhe promettemos aqui um necrologio decente

Console-o ao menos esta gloria posthuma.



Colos



Coro del mixto

Allargato

Ab! Eb! Ib!

THE BALCONI TUGUEZA... DE LA... GALLARDO



Jucunda

Estamos em maré d'originaes dramaticos.

Vai, parece, acabar essa pobreza franciscana de comedias e dramas portuguezes, de que toda a gente se lamentava e que os jornaes pela penna, gravemente occulta dos traductores, aproveitavam para justificar a negação até hoje systematica de acolher peças originaes.

Alguem poderia ver n'isto interesses de traductores, incapazes de produzir, vivendo do talento alheio e associando o seu lucrosinho ao lucro dos empregarios que poupavam perante a miseria das produções originaes a diferença que se paga pelos direitos d'uma traducção ou d'um trabalho original.

Diacho! pois não havia em palco portuguez, durante annos, um trabalho indigena, e agora logo que o primeiro theatro se resolveu a abrir as portas ao primeiro dramaturgo, apparecem em scena em menos d'um anno quatro originaes e ha pelos archivos talvez uma duzia d'elles á espera de vez?

De quem era a culpa? Das emprezas? Não me parece. El-las querem ganhar dinheiro, seja como fôr, sem lhes importar que a peça seja original ou traduzida.

Dá dinheiro? E' boa.

Não dá? Não presta.

Está-se a ver o traductôr a sorrir finoriamente para o empregario, ao atirar-lhe ao ouvido o nome incisivo de Dumas ou o euphonico de Sardou, lembrar-lhe os «successos» da peça em Paris; antepôr-lhe depois o desconhecido auctor portuguez, principiante, acanhado em excesso, ou atrevido em demasia, e terminar pelo conselho:

—Vá com o que lhe digo. V. não pôde desmamar creanças; sahe-lhe do bolso.

E lá vai o original para o archivo e o fazedôr de themas rejubila e vence, incha de gloria ao ver-se nomeado em grandes lettras encarnadas no cartaz, é chamado no final dos actos e ha até muita gente que não chega a saber que o auctôr da comedia é Scribe ou Meillac, ou Halevy, ou Augier, mas em compensação diz: — a comedia do Antunes, do Sergio, do Anacleto!

E' como se fossem d'elles as comedias: alguns traduzem e chegam ao descaramento de nem se dar ao incommodo de indicarem os nomes dos auctôres.

Assim iamos e quando se exhibiam por ahi, revoltantes semsaborias, borracheiras (permita-se a phrase) epicas, e que um ou outro sujeito perguntava, scandalizado, porque demonio se tolera isto?, havia logo quem respondesse sollicito:

—Que quer v. não ha entre nós quem faça nada de geito.

E este axioma tinha fóros de dogma!

Assim, quando um pobre diabo de auctor dramatico chegava com o rôlo manuscripto da sua obra perante um empregario, era de ver a cara dos dois.

A do empregario, sorridente, entre compassivo e desdenhoso: —é traducção?

—Não meu rico senhor, é um original.

—Seu?

—Sim, meu bom senhor.

—Que ratão que v. ex.* é! O publico não gosta de originaes. Pergunte ao Anacleto, o traductor da — Familia rui-va —. Que peça, meu amigo! Dez enchentes!

—Mas a minha...

—Oh! a sua... deve ser boa, sim senhor. Não duvido; mas é original e nós não podemos perder tempo na continencia de desagradar...

—Mas com as traducções dá-se o mesmo.

—Perdão, são escolhidas por homens competentes, conhecedores das plateias... o Antunes, o Sergio, conhece?

—Muito bem,

—Pois quando tiver alguma traducçãozinha de geito, appareça.

E houve auctores que morreram de males desconhecidos, de hypocondria invencivel, de nauseas e vomitos — embuchados com as peças — coitados!

Emfim agora começam a desembuchar.

O ultimo, o sr. Abel Accacio, conseguiu mostrar-nos a sua — Jucunda.

A — Jucunda — agradou extraordinariamente.

Este é o ponto essencial, o ponto a frizar, porque é a resposta cabal a todos os descrentes e a todos os pessimistas. Tem defeitos a — Jucunda —, se a quizermos considerar como peça de critica, de estudo, de primeira ordem. O meio que entre nós não existe, a pouca firmeza no desenho dos caracteres, a linguagem impropria e empolada e ás vezes uma crueza no dizer absolutamente dispensavel.

Como comedia livre, de charge, que pretende o ridiculo, que aspire á gargalhada sem os compromissos da verdade e da logica, é uma comedia de alto valor, superior á quasi totalidade das que o Gymnasio nos costuma impingir como specimens de graça e de engenho.

Tem scenas vivas, de positivo valor artistico, feitas com talento e largueza: o dialogo é por vezes vivo e animado e a textura geral de toda a peça perfeitamente aceitavel.

Amplamente justificado o agrado da — Jucunda — restamos felicitar o auctor e lembrar aos empregarios que nem sempre os traductores tem razão.

Registe-se.



Artes e Lettras

Gottas de Chypre.—Appareceu o 3.º numero d'esta curiosa publicação. Traz um conto de Alexandre Dumas — Um baile de mascaras —. Agradecemos a offeita.

Bohemia Nova.—1.º numero d'uma obra bonita, litteraria e scientifica, que começou a publicar-se em Coimbra, redigida pelo dr. Fausto.

Que remoce sempre.

Planta dos theatros.—Contém as plantas de todos os theatros de Lisboa e do Colyseu e a indicação dos preços em vi-gôr.





Academia musical de Lisboa

A illustrada direcção d'esta academia resolveu dar todos os domingos umas *soirées* musicaes e dançantes, proporcionando assim aos seus associados bellas e variadas diversões.

As *soirées* musicaes são das 8 horas á meia-noite, seguindo-se-lhe a *soirée* dançante. Nas salas da academia estabeleceram-se diversos jogos, um gabinete de leitura e um bufete.

Na *soirée* que se realisou no domingo tomou parte a celebre violinista de 11 annos, Julieta Dionési, que ali recebeu uma extraordinaria ovação. Dizem-nos maravilhas da manei- ra brilhante como ella executou diversos trechos do seu variado e difficillimo repertorio, o que nós acreditamos, porque já tivemos occasião de admirar o formoso talento d'esta adoravel creança.

A academia fez-lhe uma importantissima manifestação, delirante mesmo chegando ao ponto de lhe estenderem na escada os casacos para ella passar! Não consideramos demasiado tudo quanto o entusiasmo desperta em homenagem á joven e talentosa artista, que no proximo domingo, á uma hora da tarde faz n'esta mesma academia a sua festa de despedida.

Recomendamos esta *matinée* com o maior empenho, e agradecemos o convite que para ella recebemos.



Trindade.

Deve estrear-se n'este theatro, em um dos primeiros dias da proxima semana, uma actriz brazileira, Cinira Polonio, que vem precedida de uma bella reputação artistica, bem justificada, ao que nos consta. A peça escolhida para a sua estreia é a *Noite e Dia*.

A sua educação musical recebeu-a ella em Paris, e parece tel-a aproveitado bem, pois que nos dizem que detalha primorosamente *couplets*, tanto na opera comica, como nas cançonetas, em que é eximia.

Asseguram-nos tambem que é muito distincta no palco, e que imita deliciosamente varias scenas da Sarah Bernhardt. Que bellas noites de entusiasmo nos vae dar, pois, o theatro da Trindade, quando nos seus espectaculos entrar a afamada actriz e quando elle começar a exhibir os seus variados recursos nas cançonetas e nas imitações.

Em homenagem á sua reputação artistica damos hoje um lugar ao seu retrato na primeira pagina do nosso jornal.

D. Maria.

Deve realisar-se hoje n'este theatro a *première* do drama original de Thomaz d'Almeida — *Margarida* — em que tomam parte quasi todos os principaes actores da companhia.

Rua dos Ondes.

O *Capitão Maldito* é a peça nova de resistencia, n'este theatro até que se conclvam os ensaios da *Revista do Anno* escripta por Souza Bastos. Naquelle drama reapareceu o conhecido actor Sergio d'Almeida, que estava retirado da scena ha algum tempo.

Avenida.

Em substituição da companhia franceza, que se retirou para o Porto, deve estrear-se hoje n'este theatro uma companhia de *zarçuella*. Repetidas enchentes espera a empresa, attendendo a que o genero é muito do paladar de todos nós, os peninsulares.

Colyseu.

Além das diversões com que esta casa de espectaculos tem brindado os seus frequentadores; deu-lhes esta semana mais uma novidade — uma *troupe* de dez arabes, que fazem trabalhos prodigiosos de equilibrio.



O nosso jornal acha-se á venda em todas as principaes tabacarias e kiosques, bem como no

SALÃO DO COLYSEU

no local destinado pela empresa á venda dos jornaes.

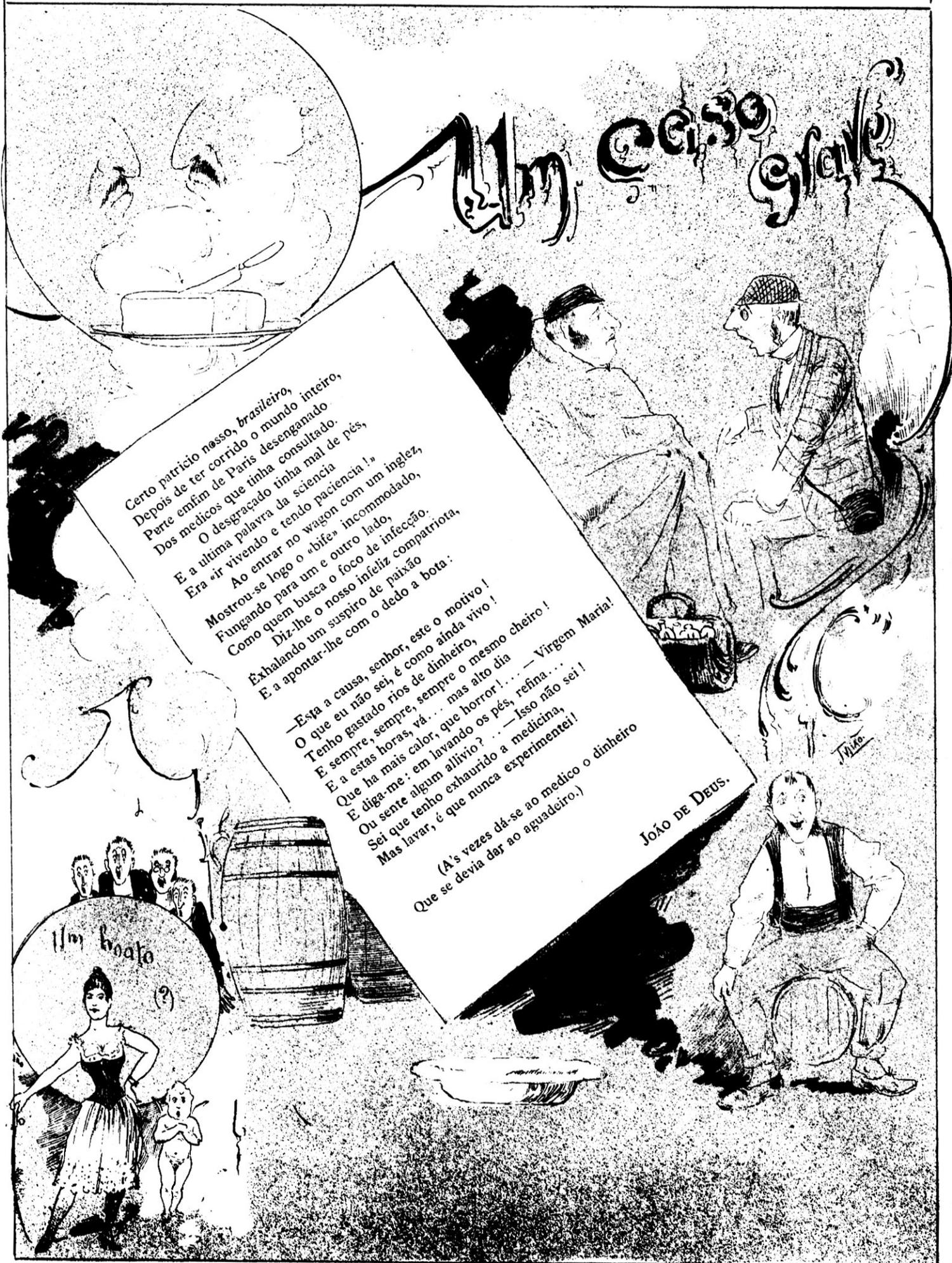
Um Caso

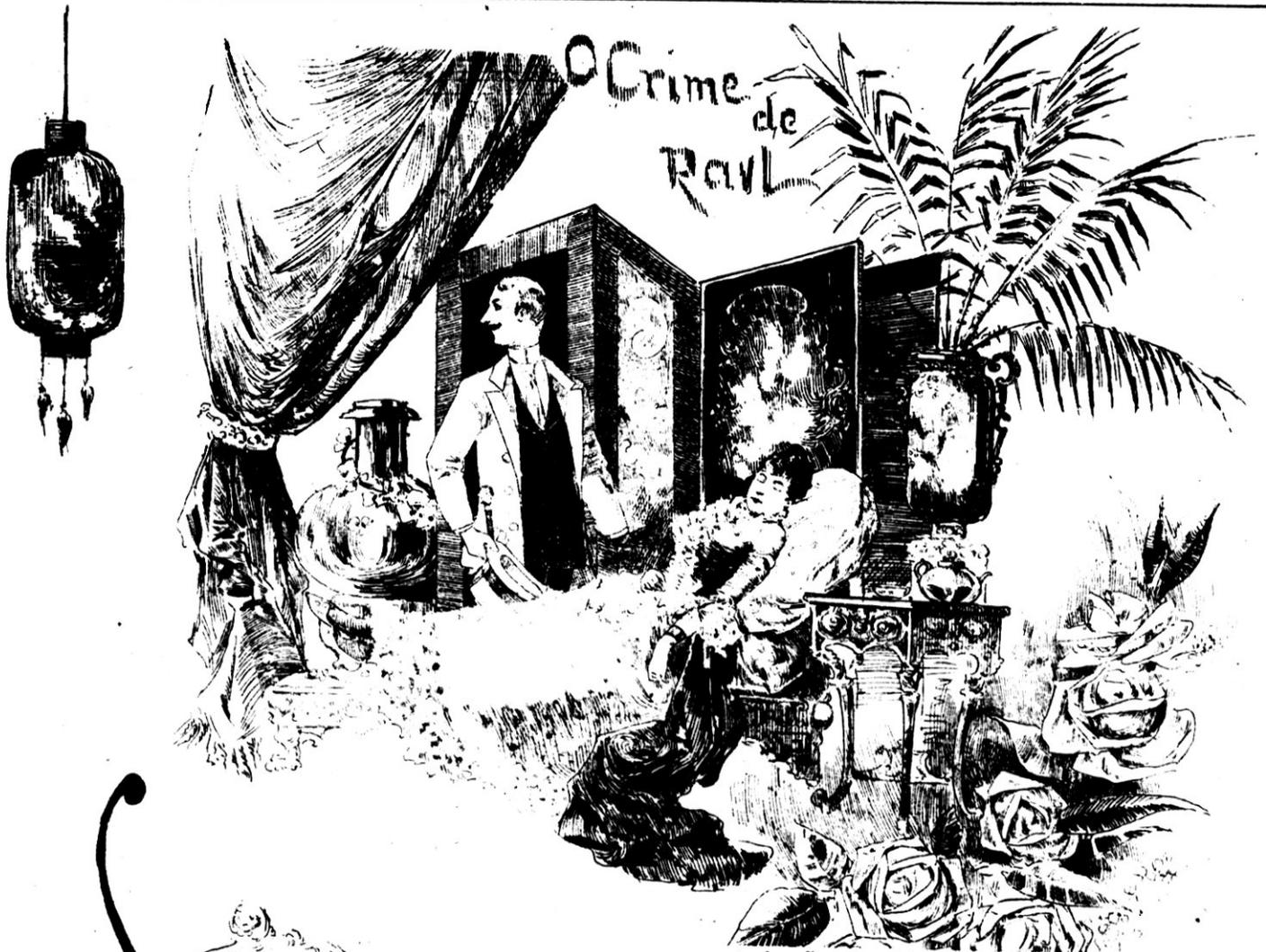
Certo patricio nasso, brasileiro,
 Depois de ter corrido o mundo inteiro,
 Perde enfim de Paris desengamado.
 Dos medicos que tinha consultado.
 O desgraçado tinha mal de pés,
 E a ultima palavra da sciencia!
 Era «ir vivendo e tendo paciencia!»
 Ao entrar no wagon com um inglez,
 Mostrou-se logo o «bife» incommodado,
 Fungando para um e outro lado,
 Como quem busca o foco de infecção,
 Diz-lhe o nosso infeliz compatriota,
 Exhalando um suspiro de paixão
 E a apontar-lhe com o dedo a bota:

—Esta a causa, senhor, este o motivo!
 O que eu não sei, é como ainda vivo!
 Tenho gastado rios de dinheiro,
 E sempre, sempre, sempre o mesmo cheiro!
 E a estas horas, vá... mas alto dia
 Que ha mais calor, que horror!... — Virgem Maria!
 E diga-me: em lavando os pés, refina...
 Ou sente algum allivio? ... — Isso não sei!
 Sei que tenho exaurido a medicina,
 Mas lavar, é que nunca experimentei!

(A's vezes dá-se ao medico o dinheiro
 Que se devia dar ao aguadeiro.)

JOÃO DE DEUS.





o meio do tribunal, apinhado de gente silenciosa e atenta, Raul, o brilhante cavalleiro, o bello e corajoso rapaz que a cidade inteira conhecia, filho d'uma familia illustre, amado de todos pela gentileza do tracto e a fidalga tempera de caracter, ergueu-se, grave, correctamente vestido de preto, pallido e sereno.

Era accusado de ter assassinado Luiz, o seu velho, o seu unico amigo, com uma punhalada traiçoeira, nas costas.

Luiz fôra encontrado, de bruços sobre uma *chaise-longue*, em casa de Raul, com o coração atravessado pela lamina e uma onda de sangue coagulado, á flôr dos labios.

Quando os homens da justiça entraram no gabinete azul, onde o cadaver se debruçava da *chaise-longue*, encontraram perto da porta, sobre o tapete, um pequeno leque de sandalo, com um B caprichoso, a perolas, sobre a vareta, meio aberto, pizado, como se houvesse cahido n'uma fuga rapida sob os pés d'alguem.

Interrogado Raul sobre o assassinato, respondeu simplesmente: — fui eu.

Elle como? Sabiam-nos amigos desde creanças, quasi irmãos, tendo combatido lado a lado na Africa, vivendo quasi sob o mesmo tecto, usando da mesma bolsa. N'um dos recon-tros, entre os gentios, Raul desmontado por uma flecha que lhe prostrou o cavallo, deveu a vida a Luiz, que poude arrancar-o do circulo invencivel dos inimigos, onde cahira!

Fôra elle, porque? nunca houvera entre elles a minima sombra d'um despeito, o ameço sequer d'uma recriminação!

Na manhã d'aquelle dia, tinham-nos visto voltar, a cavallo, do passeio costumado, pelos arredores da cidade, tinham almoçado jntos, como costumavam, na melhor bôa paz, na mais sincera familiaridade!

Porque havia elle de o ter morto?



Havia de certo um mysterio, que se ia esclarecer, quando elle fallasse, um engano que se iria desfazer com provas irrecusaveis, um segredo que libertaria para sempre a nodoa que pesava sobre a nobreza do character, da coragem, nunca desmentidas de Raul, o brilhante cavalleiro, o bello e corajoso rapaz que a cidade inteira conhecia.



E Raul começou :

—Amava Luiz como se fosse meu irmão. Não o amaria tanto, talvez, se o fosse ! Amigos para a vida e para a morte ! Devia-lhe todos os favores d'uma amizade leal, todas as generosidades de que é capaz o coração de mais fina tempera, toda a protecção que pode emprestar a um amigo a alma magnanima d'um bravo !

Devia-lhe emfim, a vida e, caso extranho... matei-o ! ...

Percorreu o tribunal um fremito de pasmo. Duvidava-se, no entanto, ainda. Não era verdade. Raul mentia, disfarçava, calumniava-se. Havia alli um segredo, um criminoso que a honra lhe mandava calar. Era talvez um sacrificio, heroico aquella confissão. Porque poderia tel-o morto ?

—Elle podia insultar-me, continuou Raul, como lhe aprouvesse.

Podia esbofetear-me, na praça : eu choraria sobre a mão que me insultava as lagrimas de reconhecimento que a offensa arrancaria ao meu coração credor dos mais santos favores !

Elle podia cuspir-me na cara, no club, em frente dos homens valentes e briosos, que eu esconderia a mancha da face na consciencia intima de que só a loucura momentanea poderia levantar contra mim o braço de Luiz !

Elle podia tentar assassinar-me ! eu perdoar-lhe-hia a tentativa e deixar-me-hia ferir pela sua mão, tantas vezes salvadora !

E o juiz, os jurados, as mulheres, inteiro o tribunal escutava ancioso a palavra do bello rapaz, na ancia de conhecer a razão que levava Raul a assassinar um amigo, um homem de quem receberia todas as insolencias, todas as vergonhas do insulto á morte.

—Se por tão grandes offensas o não mataria, porque o fez então ? exclamou o juiz.

E no silencio augusto do tribunal ouviu-se a voz de Raul:

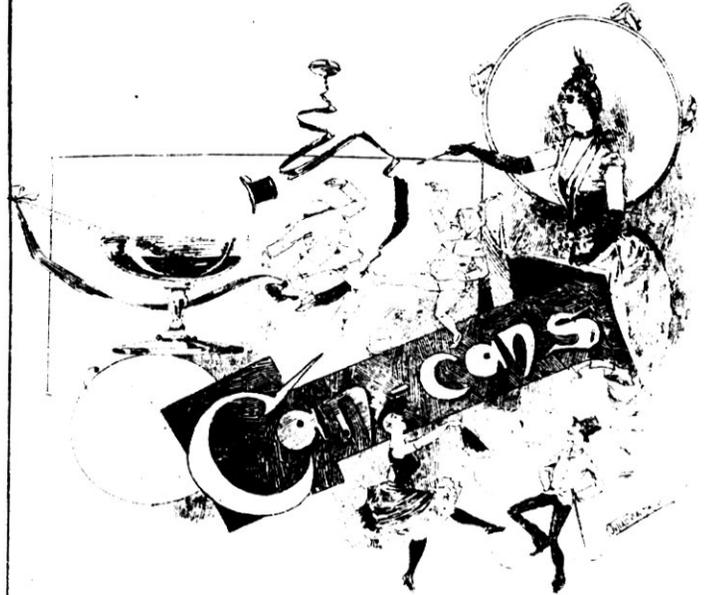
—Porque, n'esse dia, quando a condessa Branca adormeceu languidamente na «chaise-longue», Luiz ousou beijar-lhe os labios !

E como um murmurio alto de espanto corresse o largo ambito da sala...

—A condessa, interrompeu Raul, espraiando o olhar alto, era minha amante ! matei-o !



Mendo.



O facto mais grave da semana foi a crise.

A crise, em Portugal, passa a ser para os ministerios assim como uma chicotada em lombada de mula ao atravessar um caminho mais escabroso, em que a «Diligencia» tenha de vencer socalcos, de saltar barrancos, de vencer os rails fundos e sêccos dos rodados barrentos.

Os passageiros olham-se desconfiados. O cocheiro, porém, socega os timidos.

—Não tenham vossôrias receio, isto é um prompto enquanto se atravessa ; tenho confiança nogado.

O chicote vibra, a pita listra as lombeiras das alimarias, que ficam as patas, turgem a musculatura cançada e n'um ultimo arranco, alcançam o mac-dam.

Pasmam os camponeos que atravessam a estrada ; o cocheiro sorri bonancheironamente e a caranguejola lá continúa, cahin-caha, graças á chicotada providencial do precavido cocheiro.

O receio transformou-se em victoria e a crise não foi mais do que um leve episodio cujo resultado ultimo foi incutir na mula da mão, dupla confiança nos altos destinos que a sorte lhe commetteu confiando lhe a graça de esticar os tirantes.

A caranguejola pode representar o ministerio ; os barrancos e socalcos, as agruras e dificuldades que tem de atravessar ao percorrer as estradas das «provincias da publica administração» ; o adiamento das camaras — 1.ª chicotada animadora ; a crise — a segunda, dadas do alto da almofada, pelo Jeronymo Condeixa d'esta tipoiá desconjuntada — Sua Magestade El-Rei, que Deus guarde e a quem conserve a mão de redea e o pulso flagelante.



Os tribunaes de primeira instancia de Lisboa confirmaram a sentença de um anno de prisão a um pobre velho que fez um compendio de geographia, e segundo parece diz lá umas coisas que não estão d'accordo com a doutrina catholica.

O homem foi condemnado a um anno de prisão e a ser-lhe queimada a obra, por impia.

O tribunal em Lisboa rectifica a primeira parte da sentença e nega a execução da segunda, attendendo a que não ha na lei determinação expressa que auctorise o aucto de fé dos compendios de geographia para uso dos lyceus.

Mas, sem indignação, saiba-se que em Portugal no anno de graça de oitenta e nove, ha tribunaes que condemnam um velho a um anno de prisão, porque ousou dizer n'um livro que ninguem lê e que ninguem conhece, umas coisas que fugiam um pouco ás revelações metaphisicas do cathecismo de doutrina christã.

Saiba-se que essa pena se executou sem um protesto energico de todo o paiz, que raros jornaes levantaram a questão d'esse immundo pelago da «justiça» portugueza, para a mostrar aos olhos indifferentes da multidão, egoista e decadente, que se dessora no indifferentismo mais revoltante.

Saiba-se isto e registe-se como mais um traço da corrupção e regresso d'um povo que cede os direitos mais antigos e mais nobres das suas possessões e dominios, que despreza o cumprimento das leis que lhe garantem as suas liberdades moraes e que assiste de braços cruzados á invocação, nas suas camaras, á protecção e influencia dos jesuitas e que enquanto deixa tripudiar-lhe sobre a carcassa os mais revoltosos abusos, com o escarneio dos codigos, deixa cahir sobre um velho indefeso a barbaridade d'uma lei anachronica e miseravel.

Porque o não queimam, a elle, ao auctor? Seria novo esse espectáculo, para nós. De governos ignobeis, de justiças pões, de espectaculos hodiernos de desvergonha estamos nós fartos. Mas um auto de fé! isso é que era coisa de appetite.

Se v. ex.^a sr. Barros Gomes nos alcançasse isso, d'aquelle nosso rico amigo do Vaticano?

Alcança, meu senhor?

A opera comica vai-se transformando um pouco em drama serio. Será bom não precipitar, como mandam os bons auctores, o desfecho! Que paiz! E que justiça!



A «matinée» na «Academia Musical».

Em meio de uma concorrência das mais escolhidas e distinctas, realisou-se no domingo ultimo, nas salas da «Academia Musical», a *matinée* de despedida da joven e já celebre violinista Giuletta Dionesi, que mais uma vez nos assombrou com a sua extraordinaria execução artistica, alcançando um ruído triumpho como consagração justissima ao seu excepcional talento.

E já que fallamos n'esta *matinée*, devemos tambem referir-nos aos amadores e amadoras musicas que tão gentilmente se prestaram a completal-a, — as sr.^{as} D. Maria Barbara Judice da Costa e D. Maria Fonseca d'Almeida, e os maestros Del Negro e Vieira, todos dignos dos maiores louvores pela sua brilhante collaboração. D'entre elles, porém, especialisaremos a sr.^a D. Maria Judice da Costa, que nos surpreendeu de veras pela forma primorosa como cantou o difficillimo *round* da opera *Semiramis*, em que nos revelou uma esplendida voz, agil e vibrante, e um sentimento artistico verdadeiramente notavel.

Consta nos que esta senhora se propõe a ir estudar no estrangeiro, para seguir a carreira lyrica. Sendo assim, podemos assegurar-lhe que, com o desenvolvimento de tão bellas e distinctas qualidades artisticas, terá um futuro brillantissimo de glorias e de triumphos.



Margarida

Outro original portuguez e estreia theatral do sr. D. Thomaz de Almeida, como auctor dramatico.

A critica justa da peça do sr. D. Thomaz não lhe deve ser agradavel; como nós pugnamos porém pelos auctores dramaticos, temos o dever de fazer justiça ás suas obras para lhes garantir, por essa mesma razão, os direitos.

O assumpto de «Margarida» não é, como disseram muitos jornaes um assumpto velho — E' o eterno assumpto sempre velho ou sempre novo, conforme o talento do individuo que o tractar. Ora na peça do sr. Thomaz d'Almeida — o assumpto apparece-nos ... já velhote!

O assumpto, porém, é a parte secundaria do trabalho: o estudo feito sobre elle é que importa, e o estudo, o trabalho de critica, de analyse physiologica é na peça do sr. Thomaz, fraco, incompleto; mas, o que é peor ainda, falso. Os caracteres secundarios da peça são esboçados tão de leve que se lhe não alcançam as linhas do contorno; os dois principaes — o de Margarida e o do marido — com mais cuidado tratados, são ainda assim pouco accetaveis.

O marido, emfim, vê-se que é um bebado, porque não faz outra coisa senão embebedar-se e dizer tolices durante trez actos, a ponto de espantar a gente por apparecer em tão bom estado, no ultimo acto, tão grave e tão justiceiro!

Que direi da «Margarida»?

Ella não é, por Deus, aquella dôce e pura Margarida que o Fausto requestava, no jardim de Martha e que se deslumbrou com as joias. Meu Deus, é uma Margarida vulgar que se deixa amar, auctorisando o amor de um visconde de opera comica e ama um malandro que lhe expectora no rosto insolencias tão soezes que não se comprehende como poude um homem d'aquelles esconder durante o tempo da côrte, o coração de arreeiro sob a cazaca do gentleman.

Detesta o marido porque é bebado e jogadôr e está no seu direito e no seu dever, e enlouquece quando este bebado, n'um momento de incompreensão pudôr, mata o homem que tem a coragem de lhe cuspir sobre a vergonha da queda, sobre todo o horror do seu adulterio castigado pela miseria, sobre o seu amor lacrimoso, censuras de alcouce, frases infames d'um canalhismo repugnante, de infima cobardia de alma.

Porque desprezava Margarida o marido? por bebado e jogador? O fino criterio de mulher preferiria um pulha a um debochado? Qual é a mulher capaz de amar um homem pelas suas qualidades moraes, que rejeita o homem que lhe diz, embriagado, parvoçadas impertinentes para amar o biltre que lhe diz a sangue frio: — as mais torpes calumnias!

Como esta: Vocês prostituem-se — (talvez por obra e graça do Espirito Santo) — e nós cá estamos para carregar com as responsabilidades.



Deixando a mulher ao vento ou perde o ultimo cartucho.



Crise Chronica

Crise de amor conjugal. Amai-vos uns aos outros.



A HORA DE CRISE NOS SALSIFREY

TYPPOS DA ARCADEA EM DIA DE CRISE



Um ministerio portuguez em crise... de cahir... com a carga.



Crise affectiva:
"Beijo na face
Pede-se e dá-se



Ha males que vem por bens. Crise vulgar.

Esta é a idéa; mas que mulher trocava um ebrio, cujo intimo brioso ella devia conhecer, a despeito dos seus vicios, por um vilão ruim, que insultava com o mais ordinario cynismo, o sacrificio do seu nome, da sua posição social, do seu orgulho de mulher, o sacrificio da sua vida inteira!

E ella enlouquece ao vel-o morto!

A mola é velha e falsa n'aquelle caracter. O castigo d'aquella mulher, o castigo supremo e justo não seria a morte do bandalho que ella amava, seria o horror de conhecer no amante um pulha, indigno do seu amor.

Este seria o grande supplicio de toda a sua vida — ter abandonado o marido por um miseravel, que o não valia, máu como elle era.

Ou não?

Resumindo: Como estudo social, como desenho de caracteres, como critica de costumes, a peça do sr. D. Thomaz é de pouco valôr.

Podê ser representada e applaudida n'um theatro de 2.^a ordem, onde as exigencias da plateia são mais limitadas; no theatro de D. Maria II, sem um concurso aliás louvavel dos amigos do aucôtr, a peça teria cahido na primeira noite e a sua queda, que podia ser severa não seria de modo algum injusta.

Isto não quer dizer que o auctor não possa, estudando, escrever melhor obra; ao contrario, ha na peça scenas que revellam verdadeira disposição, que o auctor deixa esmorecer e morrer e que vigorosamente sustentadas e conduzidas, dariam ao drama o vigor a tonicidade que lhe falta.

Releve-nos o sr. D. Thomaz d'Almeida a sinceridade das nossas expressões e creia que apenas nos move o sentimento da verdade que queremos manter no nosso jornal.

O desempenho foi desigual. Ainda assim é de justiça mencionar Virginia no 4.^o acto, João Rosa, Ferreira d'Almeida e Cezar de Lima.



Artes e letras

Avulta na nossa meza de trabalho, como a mais valiosa offerta da semana, o brinde do *Diario de Noticias* aos seus assignantes — *A joia do Vice-Rei* — de Manuel Pinheiro Chagas.

E', segundo o auctor diz, o quadro fielmente historico do primeiro governo da India, evocado sem artificiosos processos, natural, sem imaginarios enredos. A historia, emfim, simplesmente e agradavelmente contada ou como o auctor diz: historia dramatizada e não romantizada, quer dizer, posta em scena e não enflorada com ramalhetes phantasticos.

Não podemos fallar do valor do livro que inda não podemos ler; mas para o recomendar bastam-lhe os creditos de homem de letras de primeira plana de que goza o auctor.

Segue-se a este o 4.^o volume das — *Gottas de Chypre* — que traz — *O Modelo* — conto de A. Loroy e uma bella poesia de R. Campoamor bellamente traduzida por Luiz da Silva.

E' uma publicação interessantissima, que bem merece todo o auxilio publico.

Os insubmissos.—1.^a serie e n.^o 1 d'uma revista publicada em Coimbra, sob este titulo.

E' escripto com desassombro e graça. Longa vida.

Bibliotheca de Sciencia Practica.—Publicados os n.^{os} 2 e 3, com a continuação do bello romance historico, *O Surgento*. Assigna-se na calçada de S. Francisco 14.

Carta celebre do «Diario de Noticias»

Brado contra os namorados empatahores.

Amigo e sr. redactor:

«E' occasião de erguer um brado a favor das raparigas solteiras a quem namorados massadores e inconsequentes andam entreteendo longos dias e longas noites com esperanças e promessas de casamento, e que por fim as abandonam quando acham outras de que mais gostem ou que lhes façam mais conta. Pois não acha v. que isto é um grande abuso, que devia ser punido seriamente? Assim se ousa alvoraçar o coração de uma pobre rapariga inexperiente, entre-mostrando-lhe um marido, sua mais legitima aspiração, fanando-lhe o frescor das rosas da juventude com longos gargarejos nocturnos da janella abaixo, correrias a festas e a theatros, a bailes e a passeios, anceios, inquietações, ciúmes, todas as dramaticas surpresas de uma namorada ingenua e boa, e ao fim de muitas esperanças, projectos, promessas e perspectivas de felicidade... por aqui me sirvo, que encontrei uma viuva rica ou uma trintona ramelosa, que o padrinho dotou com meia libra por dia, já não quero saber de ti, que és boa, bonita e virtuosa e até bem educada, mas que não tens viatem!

E' preciso uma providencia contra isto; contra esta exploração do tempo mais precioso de uma donzella; contra este esmagamento de corações; contra este desfolhar violento de illusões; contra este verdadeiro crime que precisa ter no codigo penal um artigo que o puna, e nos tribunaes leis severas que o castiguem. Onde os brios de cavalheiros, os preceitos da honra tão austeramente zelados no codigo do duello e do bom tom? Para estas hypotheses que ás vezes cortam o futuro a uma rapariga, os preceitos seguidos são os do mau tom!

O seu interessante *Diario* lá trazia hontem um exemplo eloquente, regulador do caso e que é materia corrente em Inglaterra. Refiro-me á actriz Phyllis Broughton que chamou aos tribunaes o filho de um antigo embaixador em Paris, o conde Cowley que andou a empatal-a muito tempo, prometendo-lhe casamento em troca das suas afeições, e que por fim a abandonou como um cavallo deitado á margem.

Elle protesta ter sempre sido pura e honesta, e reclama uma séria indemnisação d'este engano e d'este tempo perdido, e d'esta afeição malbaratada.

E ha de tel-a, como haviam de a ter todas as raparigas que n'estas circumstancias recorressem aos tribunaes contra os perfidos que procedessem de igual modo, e que são muitos. As meninas de Lisboa não me deixarão mentir e tambem as do Porto e talvez de todas as terras do reino. Erga, pois, uma crusada a favor d'esta idéa, que é justa, sr. redactor.

Sabe v. porém o que eu acho n'este caso de Londres, é que miss Broughton é excessivamente modesta no pedido que faz ao massador, 5:600:000 para as horas do prestigio e encanto de uma actriz bonita e honesta é muito pouco. E' tambem um caso a regular pelos tribunaes avaliar a belleza e elegancia das namoradas reclamantes, a sua intrucção e espirito e graças. Eu não espero que o parlamento elabore nenhum projecto de lei sobre o assumpto: é cedo ainda para cá se porem por lei estas coisas, mas vou lembrando que bem o merecia e que era das mais justas hypotheses da emancipação da mulher.

Desculpe-me a massada, que a final é contra os massadores, e creia-me de v. amigo e leitor assiduo — *Um que cumpriu as suas promessas de casamento e que se dá por feliz.*

Nota — Na ultima pagina vão os commentarios.



Toilette para atravessar a Siberia ou assistir aos espectaculos de S. Carlos.



Trindade.

Conforme annunciámos no nosso ultimo numero, realisou-se hontem n'este theatro a estreia da distincta actriz brasileira, Cinira Polonio, na opereta — *Noite e Dia* — em que ella desempenha o papel de *Manola*. E n'esta sua estreia confirmou ella a brilhante reputação de que vem precedida, pela graciosa *manière* com que cantou os principaes trechos da opereta, e pela distincção, elegancia e *cachet* finamente trázesso com que representou o seu delicado papel.

A platêa, que se conservara fria e reservada no começo do espectáculo, rompeu em caloresos applausos logo que percebeu que tinha na sua presença uma actriz perfeita e completa, no genero que é a especialidade d'aquelle theatro. E ainda bem que a platêa da Trindade assim o comprehendeu, porque, realmente, Cinira Polonio veio prehencher uma lacuna importante no nosso meio artistico, como cantora de opereta, em que é primorosa, e a que alli a qualidades excepcionaes de actriz, pois que: sabe dizer correctamente, sublinha graciosamente as phrases mais picantes, tem um porte distincto, finamente elegante, e detalha splendidamente os *couplets*.

A empresa da Trindade fez portanto uma excellente aquisição escripturando Cinira Polonio, pelo que a felicitamos cordialmente, assim como endereçamos á gentil artista os nossos sinceros parabens pelo brilhante triumpho que alcançou na sua estreia.

Gymnasio.

A *Jucunda* continua a chamar a este theatro a concorrência dos amadores de boa litteratura dramatica e a dos apreciadores de ... sensações fortes.

Rua dos Condes.

O *Capitão Maldito* vae entretendo os frequentadores d'este theatro, que aneiam pela *Revista* do nosso Souza Bastos.

Coliseu.

A novidade da semana, n'esta popularissima casa d'espectaculos, está sendo a — *Grande demonstração electrica* — um verdadeiro prodigio no genero *charivari*, levado a effeito por mr. Rousbi e miss Irwing. E' um trabalho, que merece ver-se.

Houve tambem a estreia de uma nova *écuyère* — *madoiselle Deomira* — que é perfeitissima nos seus difficeis trabalhos. E lá continuam os liliputianos, a *troup arabe*, os irmãos Martucetti, e outros artistas, a despertarem o interesse publico por aquellas diversões.



Nas ultimas recitas de S. Carlos causaram verdadeira surpresa os formosissimos *bouquets* sahidos do atelier da distinctissima florista do Chiado, M.^{me} Serni. Consta-nos que á distincta florista teem sido feitas encomendas para os bailes do nosso grande mundo, causando verdadeira surpresa o fino gosto o delicado e graciosamente «exquis» das execuções.



O nosso jornal acha-se á venda em todas as principaes tabacarias e kiosques, bem como no

SALÃO DO COLYSEU

no local destinado pela empresa á venda dos jornaes.



PAGINA OFFERECIDA AO

TABELLA DE INDEMNISAÇÕES

INDISPENSÁVEL NO SEIO DAS FAMÍLIAS

Concordando plenamente com a idéa do epistolographo, tomamos a liberdade de oferecer a tabella dos preços, que devem regular estas futuras questões, perante os tribunaes. Todos os nossos conhecimentos individuais foram postos á prova e não esconderemos que pedimos auxilio a alguns entendedores da velha guarda

Menina da classe rica, que toque piano, borde a missanga, recite o «noivado do sepulchro», espirituosa como o senhor seu pae, com um lobinho no queixo:

Menina burgueza, de boas carnes, corada, um pouco vesga, cabelo preto, buço pronunciado, mettendo os pés para dentro, com exame de 3.º anno do conservatorio:

Menina nobre, educada nas Salesias, magra, com joanetes, confessor, religiosa, fallando as linguas:

Rapariga do povo Apetitosa como uma amora e fresca como uma alface:

Menina assim tem-te não caias, lida em Montepin e Gaborieau, com ares românticos e olheiras, descachida d'um hombro, carregando no R:

Menina muda de nascença, com dez contos de rendimento:

	Por hora	Por mez
Menina da classe rica...	200	40000
Menina burgueza...	160	20500
Menina nobre...	220	40500
Rapariga do povo...	35	540
Menina assim tem-te...	80	10200
Menina muda de nascença...	40500	1000000

Notas e observações. — Ha a fazer reduções conforme a altura das janellas. Assim, d'um segundo andar para cima, tem 10 por cento de abatimento o gargarejo. Ao contrario, o idillio no rez-do-chão, por mais propenso a — «fanar as rosas da juventude» —, mais sujeito a «dramáticas surpresas» tem um augmento de 5 por cento sobre os preços estabelecidos.

De noite duplicam os preços, assim como soffrem uma redução de 50 por cento, no caso do empataador tomar assignatura.

Devem pagar-se á parte as occurrencias casuaes, assim como: um aperto de mão furtivo, uma trança recebida, um osculo na testa, ou nas «mentiras» das unhas, as valsas nos salsifrés, etc.

Sempre que a correspondencia seja levada por um gallego deve descontar-se no tribunal os preços dos recados.

Se o empataador chegar a pedir a menina, a entrar em casa, e a comer, deverá pagar os jantares pelo preço correspondente aos dos hotéis, em relação com a meza dos paes da empataada.

Deve descontar-se o dinheiro gasto com constipações, bilhetes de theatros, presentes de dia de annos, «bouquets» de M.^{me} Serni, ou... com copinhos de hortelã pimenta, alianças de coralina, e medidas de fava torrada, conforme a categoria da namorada em questão.

J. J. Machado

J. J. dos Reis



ODESTERRADO

Dum authographo de Soares dos Reis
PROPRIEDADE DO EXMO SR RANGEL DE LIMA.



D. Affonso Henriques

REIS

J. V. Machado

Soares dos Reis

Suicidou-se,
no Porto, Soares
dos Reis.

Quem era?
Um artista de
primeira or-
dem, o mais
característico
o mais inspira-
do dos escul-
tores portu-
gueses. Porque?

Os jornaes dizem que por demente, por desarranjado de cerebro, depois d'uma doenca que ultimamente o accommeteu. Os jornaes são impagaveis. Está tudo resolvido — era um doido! Que sublime infamia se cospe, dia a dia, sobre os cadaveres! Um doido? pois que era elle? Uma alma de artista desterrada na miseria do mundo, um sonhador, um desclassificado, um incompativel.

Que se suicide um furriel, ou um dentista, ou uma creada de cosinha, ou um Soares dos Reis, os jornaes explicam sempre, em harmonia com a religião catholica: — meus senhores, mais um maduro deixou o mundo, coitado! Lamentemol-o, tinha pancada na mola! E as sopeiras, os cocheiros, as beatas de touca de rendas e pingo alourado, os conselheiros calinos e sentenciosos, todos os banaes da vida, toda a escoria pretenciosa da humanidade, todos os sensatos de assucar mascavado, todos os pedantes cujo espirito se nutre do noticiarismo e da tradiçãõ balõfa encolhem os hombros, repetindo, inconscientemente, esta banalidade revoltante: — coitado, estava maluco!

Artista, esconde do mundo, concentra na tua pobre alma desirmanada todos os teus sonhos desfeitos, todos as tuas ancias irrealisaveis, todos os desgostos da tua vida, toda a infamia intrigante dos teus inimigos, todo o teu orgulho ferido e desprezado, todas as tuas lagrimas escaldadoras, todas as miserias offensivas dos teus inferiores, dos idiotas pretenciosos

e dos talentos officiaes: armazena no silencio do teu coração dessorado pelas luctas intimas, todas as luctas da tua vida, toda a injustiça dos teus contemporaneos, todo o lucto das batalhas perdidas, todos os desalentos e todas as derrotas, mas vive, porque o conselheiro de assucar mascavado, o cocheiro da esquina, o rufião da viella, o jornalista de alcorce, o philosopho de meia tigella, hão-de cuspir sobre o teu grande cerebro creador, sobre o teu espirito corajoso e brilhante, a nota repugnante da loucura irresponsavel, para te negar a coragem, o sangue frio, a ultima prova da tua superioridade sobre a cobardia geral da raza.



Ah! meu grande artista, como faz pèna ter de chorar a tua morte, e como enoja a affirmaçãõ impudica da tua loucura!

Quando as aguias cahem, de subito, do alto das rochas, ou da amplidãõ do ar, feridas de morte, sobre os socalcos da terra, os insectos rodeiam-n'as appressados e zumbem-lhe a roda, certos da preza, desprezadores da gerarchia, antegostando a inercia do cadaver.

Bellos espiritos, assim acontece, ao cairdes inanimados sobre a terra, depois de terdes atravessado as regiões luminosas da idéa, em busca da luz! Os mancos, os pobres de espirito, os mutilados, atiram-vos no seu cretinismo a primeira insolencia e escutam o cõro dos que os a miram.

A vaga é enorme, e a maré cresce. Apenas na praia a saudar o cadaver que desaparece, uns vultos sombrios levantam ao ar a mão que acena tristemente! São os doidos que ficam á espera da hora, que se despedem do companheiro, e que tem por missãõ illuminar-vos o caminho, a vós, ó ajuizados, ó biltres!

Suicidou-se Soares dos Reis, o grande artista, o grande escultor.

A «Comedia Portugueza», respeitando profundamente a ultima vontade do grande artista, protesta contra o epitheto de louco com que insultaram a sua memoria. Não porque a loucura seja infamante, ao contrario, mas porque se é indigno aventar hypothesees provaveis sobre a conducta d'um vivo, é miseravel aventar conclusões sobre as res luctões ultimas d'um morto!

Quiz morrer! Que descance em paz! E cale-se a mexiriquice babosa sobre as razões que levaram a suicidar-se aquelle que em vida foi tão grande que collocou acima das discussões vulgares, das informações lõrpas, o silencio fatal do seu cadaver sagradamente respeitavel.

Suicidou-se Soares dos Reis, o grande escultor! Chorai-o vós ó marmores que elle vitalisou; pedras em que elle inflou o espirito da vida, perpetuai lhe o nome! Arte portugueza, cobre-te de crepes, um dos teus grandes filhos morreu!





Vão lá fazer critica acerba com um sol d'estes. Vão lá notar defeitos e ridiculos perante a orgia de luz que desce do alto, ha tres dias, n'uma opulencia meridional.

Bem dizem os propagandistas da instrucção, os apóstolos das novas e sympathicas idéas da democracia, que a luz é tudol

Elles querem luz em todas as camadas, em todos os palacios, em todas as choupanas.

Eu quero-a em todas as cidades.

A sorumbatica e monotona Lisboa, transforma-se em garrida moçoila, açoutada pelo sol. A Avenida povôa-se, enxa-meiam os passeantes, e as mulheres, as nossas graves mulheres, parece adquirir em uma graça nova, uma desusada alegria, e uma maneira de andar caprichosa, viva, desconhecida.

Até chegam a parecer bonitas! Porque realmente nós temos, é forçoso confessar, formosas senhoras; mas a generalidade, a maioria dos grupos que prepassam murmurantes, cheios de ruidos alegres, pelos asphaltos da Avenida, ou que se deixam enquadrar pelos frizos dos camarotes dos nossos theatros, são o que ha de mais heterogeneo, de mais complicado em caprichos de plastica, em combinações anatomicas de narizes, boccas, olhos e formas.



Todos os paizes tem o seu typo de mulher.

Não se confunde uma franceza, uma hespanhola, uma ingleza.

Em Lisboa ninguem será capaz de dizer convicto e ao certo se a familia que assiste á Mignon é de origem chinesa, ou se arranja nos principados de Cabinda, ou vem em linha recta da casa dos Senhores o Castello, velhos fidalgos portuguezes que possuíam solar na Beira e tinham pellos nas mãos como o Magriço e cabellos nas ventas e nas orelhas como javalis. A

familia Rochedo, por exemplo, é um mistiforio inexplicavel. O pae e a mãe são loiros, a filha tem cabelo preto, o filho cabelo castanho. O pae tem as pernas tortas os filhos são direitos como fuzos; uns tem os olhos azues, outros verdes, outros negros; uns cortados em arco, outros em amendoa, outros em linha recta. Um ostenta um bello nariz á Bourbon, outro um arrebocado appendice, nascendo abruptamente do labio superior como uma cereja furada. São desiguaes na côr, no temperamento, no fallar. E' tanto uma familia portugueza, como qualquer outra coisa. Anda alli sangue de todas as raças: gerou-a o concurso de todas as cinco partes do mundo!



Que riqueza de sangue!

Pois bem, n'estes bellos dias creadores, esses grupos tinham a graça d'um bando de aves revoando por sobre o pombal, as mulheres pareciam elegantes, graciosas, aericas, e ao vel-as não causavam esse dó que vulgarmente despertam, essa vontade de lhes dizer: -- faz-te freira, vae para um convento -- mas o desejo de lhe dizer um madrigal quente, e gracioso:

E' bello o sol, senhora da minh'alma,
O bom sol creadôr

Mais bello o vosso olhar... *Et caetera.*

Alegre um tempo assim, dizia-me um amigo, aquece-nos, dá nos idéas generosas, e comprehende-se perfeitamente que se possa ser feliz n'um dia d'estes, completamente feliz; e, acrescentava, ingenuamente: eu, para o ser, hoje, bastava-me têr, simplesmente, cem contos de renda! D'accordo.

A litteratura nacional emmudeceu esta semana, em compensação a valvula do talento lusitano rebenta, na imprensa periodica, com a mesma pujança com que rebrantam, na rua do Ouro, os perfumes secretos da população.

Tapem os narizes e leiam:





Cortejo

Segundo contaram os jornaes, foi deslumbrante o cortejo realizado, em Elvas, em honra de sua alteza o principe D. Carlos. Já que é moda para honrar algum fazer-lhe desfilár, pela frente, as curiosidades locais, aproveitamos a occasião para offerecer um modesto cortejo aos nossos leitores. A modestia não lhe roubará decerto toda a curiosidade.



Mulas de



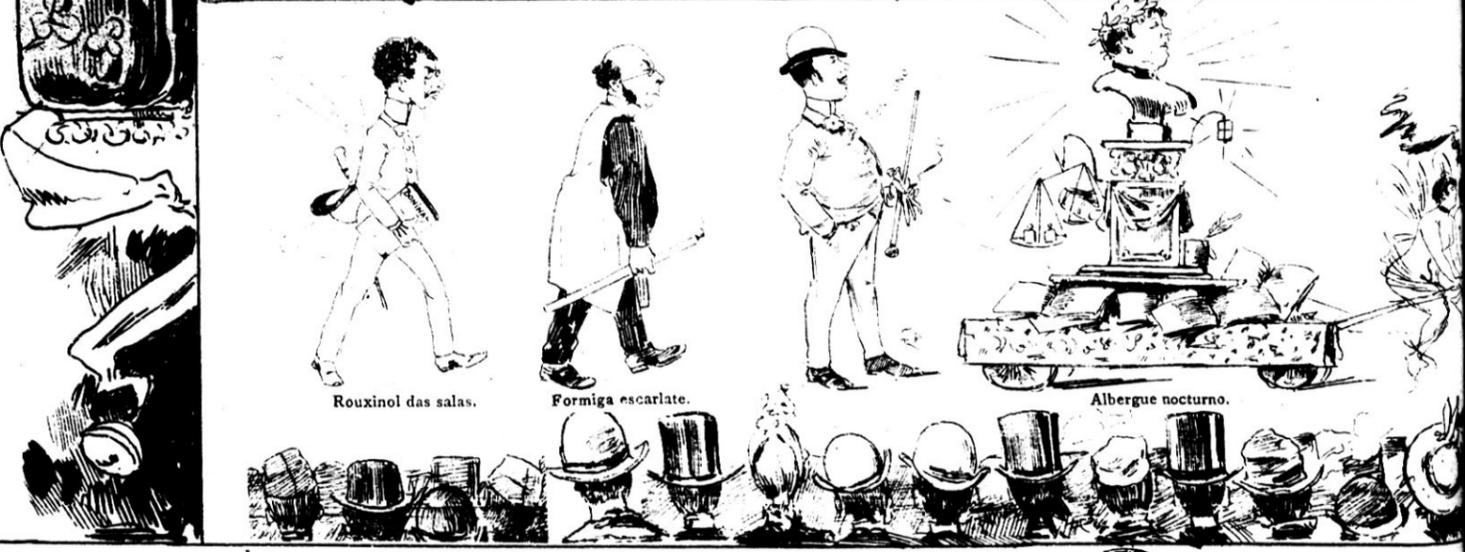
Melros novos.



Noitibós.



Macho de clérigo.



Rouxinol das salas.



Formiga escarlata.

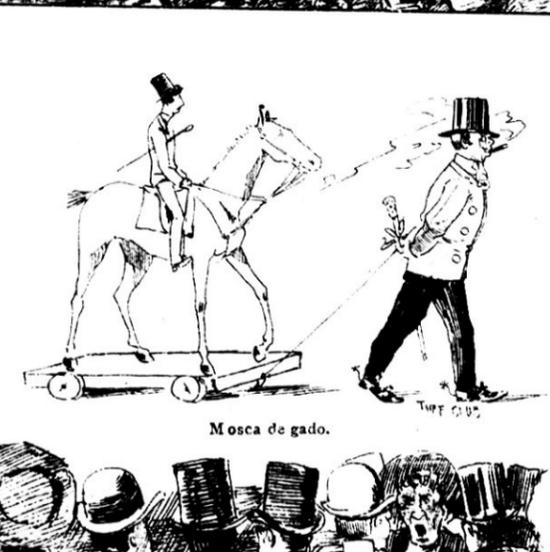


Albergue nocturno.

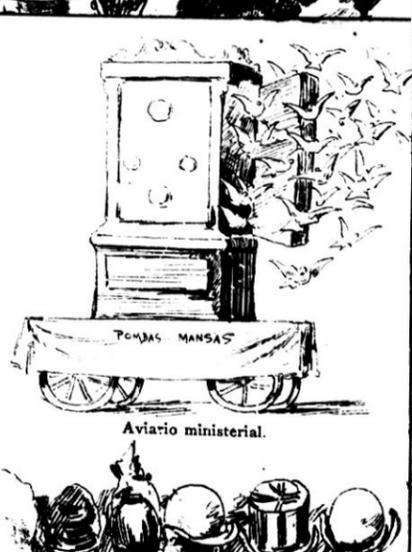


Cavallo de fanico.

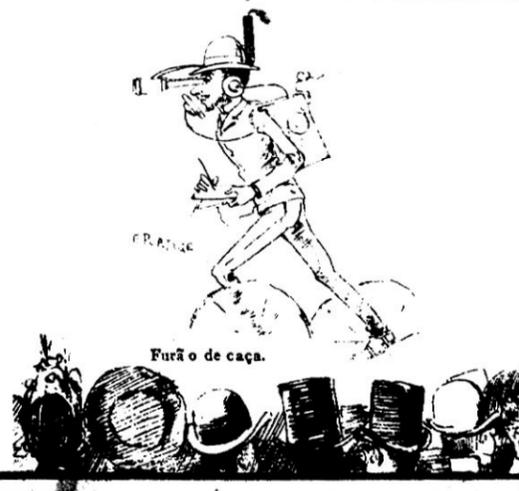
Andorinha urbana.



Mosca de gado.



Aviario ministerial.



Fuã o de caça.



Pégas domesticas.



Hyenas platonicas.



A voz da repleção.



A voz da indignação.



Diz um collega sério da opposição :

O sr. Marianno de Carvalho está desesperado, e por isso morde a torto e a direito. Parece que afinal sempre o fazem sahir do ministerio.

Ora a fallar a verdade, levar um homem toda a sua vida a chamar aos outros ladrões, para chegar a ministro, e ser depois expulso do ministerio por ter sido encontrado com as mãos nos cofres do thesouro, é caso para perder de todo a paciencia.

D'um collega seriissimo do governo :

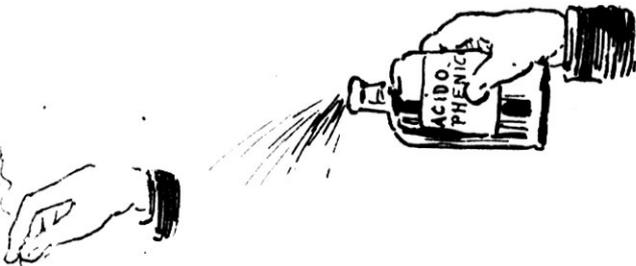
D. Fradique Longo Queixo barafusta varias coisas, mas não explica quanto devorou a proposito da exposição do Rio de Janeiro, cujas custas o paiz tem agora de pagar.

Queira, pois, dizer-nos quanto devorou a pretexto da exposição do Rio de Janeiro, cujas custas o paiz vae pagar. Quem argumenta por suspeita, precisa ter auctoridade para suspeitar e, quem procedeu como o sr. Luciano Cordeiro a proposito da exposição do Rio de Janeiro, não tem direito para coisa nenhuma, nem ainda para ter imputação.

E' o caso da rua de Ouro, ou não é ?

Ha duas companhias que querem explorar a cidade. A companhia nova está a metter a canalisação para a luz do ministerio novo. Resultado : rebenta os canos da Companhia velha e ahí estão a sahir os gazes.

Não se assustem, fica tudo em fedôr.



O jejuador Succi vem a Lisboa sujeitar-se a mais um jejum de 40 dias. Se é para nos espantar com tão grave abstinencia pode o bom homem perder a esperanza completamente. Entre nós o que é difficil não é encontrar quem ande 40 dias sem comer, é achar quem tenha que comer 40 dias.

Isto não é só dos homens: dá-se até com os animaes. Não sei se foi aqui que o inglez fez a experiencia com o cavallo; mas vendem-se ahí pela cidade, a quem os quer comprar — passarinhos de Angola, que não bebem, nem comem, nem... sujam a gaiola. Isto durante toda a vida.

Ora n'um paiz em que a fome é a comida da maioria dos habitantes e em que os passaros são d'esta laia, o jejuador Succi perde, positivamente, o tempò.



Ao saber-se em Lisboa que ia ser transferido para o museu districtal de Santarem o tumulo de D. Duarte de Menezes, o valente batalhador da Africa, alguém lembrou á familia, que devia zelar pelo descanso dos ossos que tanto e tão heroicamente se tinham mechido em vida.

Afinal vem-se a saber que o tumulo só continha um dente do guerreiro e que os ossos devem estar lá pelas Africaes.

A historia é o grande critico, e é verdade!

Vejam, vossas excellencias; do homem que cançou os ossos a defender as nossas fortalezas, a nação guarda-lhe os dentes; dos heroes d'hoje que só se tem servido dos dentes para nos roer creditos e nome honrado, a nação guarda-lhe os ossos! Que epigramma!

Agora já não espanta, que no futuro, ao abrir-se o tumulo de D. João de Castro se encontre apenas cinco unhas; e que ao destapar-se o mausoleu d'um ministro... que V. Ex.ª desejem, se encontre um par de barbas!

Não admirará que quando nos tumulos dos heroes se encontram os dentes — o symbolo da gula, — se encontrem, mais tarde, nos jazigos dos ministros — as barbas — o symbolo da honra!



Ainda a crise

Continúa a fallar-se ainda em crise ministerial, thema obrigado dos *cavacos* u'estes ultimos dias, nos soalheiros da capital, e o prato de resistencia do jornalismo politico.

Para nós estes graves acontecimentos da intriga constitucional tem um mero interesse de curiosidade. Espectadores pacíficos, mas um pouco scepticos, d'estas temerosas tempestades politicas, que não fazem bem a cousa nenhuma, mas cujos effeitos mais desastrosos tambem não passam além da bolsa do contribuinte, torna-se-nos sobremodo indifferente que o paiz se governe com Pedro ou se governe com Paulo, vista a arreigada convicção em que estamos de que Pedro e Paulo governam igualmente mal.

E chegados a esta desconsoladora conclusão não nos dá realmente o minimo cuidado que o ministerio caia ou se sustente. Mas gostamos muito que elle ao menos ameace cair porque nos diverte extremamente o interesse que esse caso comico desperta n'esta população inerte e somnolenta.

Que barulho, qua gritaria, que gestos de indignação n'uns, que expansões de jubilo nos outros!

Visto da galeria, de cima da nossa encardida indiferença politica, este caso é divertidissimo e curioso. Fervem as combinações, chovem os telegrammas, faiscam as ambições, accendem-se as voracidades, acotovelam-se os intrigantes, cruzam-se os gestos, chispam os olhares, ha uma vida desusada e estranha em todas as physionomias.



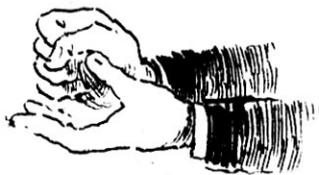
Um gracioso de mau gosto expediu no principio d'esta semana para a provincia o seguinte telegramma:

—«Cahi ministerio. Associação Commercial Porto encarregou rei formar novo gabinete, que ficou assim composto: «residente do conselho e ministro do reino, conde Burnay.

«Estrangeiros, Andersen.
«Fazenda, H. Burnay.
«Obras publicas, Topa-a-tudo.
«Justiça e Distracções, Serpa.
«Marinha e Quinas, Chagas.
«Guerra e Carteiras, Arroyo.
.Hintze está hirto raiva; Barjona derramado despeito; Lopo amarello indignação; Vilhena azul comido; Franco vermelho furor.

«Espera-se que tudo isto dê agua bacalhau.

«Socego e Avenida.—»



ARTES E LETRAS

Gottas de Chypre. — O numero 5 d'esta interessante publicação litteraria contém dois bellos contos em verso — *A' minha muza* — e — *Consuelo* — originaes de Luiz da Silva. Lêmol-os com verdadeiro interesse, porque elles são mais uma affirmação do cultivado espirito do moço poeta; e é por isso tambem que recomendamos esta publicação a todos os amadores da boa litteratura portugueza.

Toda a correspondencia relativa ás *Gottas de Chypre* deve ser dirigida ao seu proprietario e redactor, Luiz do Silva, para a rua do Amparo, 25, 3.º, Lisboa.

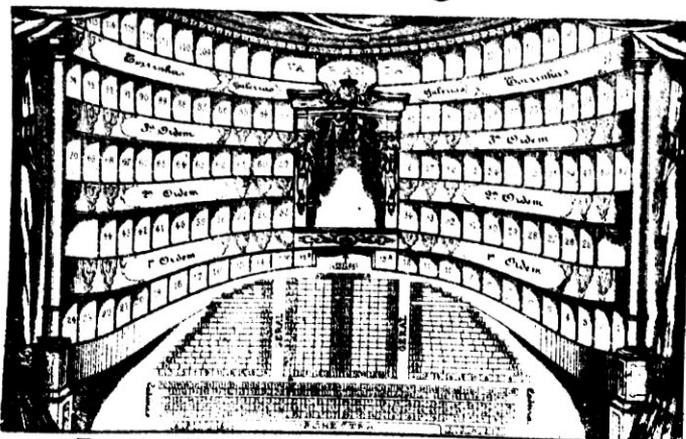


Appareceu o 2.º numero d'esta bonita publicação litteraria e scientifica, publicada em Coimbra, redigida pelo Dr. Fausto. Vem interessantissima.



Recebemos o n.º 2 d'esta excellente revista litteraria, tambem publicada em Coimbra, e que vem, confirmando o seu lemma, — de lança em riste.

PLANTAS DOS THEATROS



E' uma publicação utilissima esta, da planta dos theatros, que foi recentemente posta á venda em todas as livrarias e que se adquire pelo modico preço de 200 rs. Pelo *specimen* que acima reproduzimos do theatro de S. Carlos avaliarão os leitores a vantagem de tal acquisição.



Inter

Um vacante militar
 Ficou tão abarrotado
 Num oparo lettar
 A que fora convidado,
 Que o que fôr era impar,
 E estava der do cuidado

Diz-lhe a filha uma das manas:
 Mette-lois de lus na bocca,
 Provoque as arcas... louca?!
 —Deis de lus na bocca... louca?!
 Se eu os pudesse metter,
 Mettia duas bananas!

JOÃO DE DEUS



JUSTINO VACHADO

